

**Universidade Federal de Santa Catarina
Pós-Graduação em Linguística**

NAYARA DE ALMEIDA ADRIANO

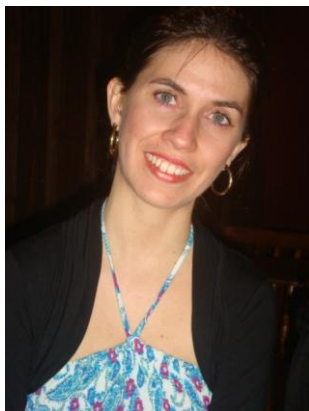
**SINAIS CASEIROS: UMA EXPLORAÇÃO DE ASPECTOS
LINGUÍSTICOS**

Dissertação de mestrado apresentado ao colegiado do
Mestrado em Linguística da Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC), como requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marianne Rossi Stumpf

**FLORIANÓPOLIS
2010**

FOLHA DO ROSTO



Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

A246s Adriano, Nayara de Almeida
Sinais Caseiros [dissertação] : uma
exploração de
aspectos linguísticos / Nayara de
Almeida Adriano ;
orientadora, Marianne Rossi Stumpf. -
Florianópolis, SC,
2010.
98 p.: tabs.
Dissertação (mestrado) -

NAYARA DE ALMEIDA ADRIANO

**SINAIS CASEIROS: UMA EXPLORAÇÃO DE ASPECTOS
LINGUÍSTICOS**

Dissertação julgada como adequada para a obtenção do título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final do curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Aprovada em: ____ / ____ / 2010

Banca examinadora:

Profª.Drª. Marianne Rossi Stumpf – UFSC
(Orientadora)

Prof. Dr. Tarcisio de Araantes Leite – UFC
Membro

Profª. Drª. Vanda Magalhães Leite – UFC
Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por minha existência, e por me ensinar a amar o semelhante.

A minha mãe, guerreira forte, que está junto comigo em todos os momentos de minha vida, ajudando em meu crescimento profissional e me incentivando a perseverar em meus objetivos.

Ao meu pai, meu grande companheiro e amigo.

A minha querida e amada irmã, Nayana Adriano.

A minha orientadora, Marianne Stumpf, pela paciência e confiança no meu potencial.

Aos meus colegas surdos e ouvintes da pós-graduação, pelo tempo de aprendizado e diversão que tivemos juntos, Lectícia, Emiliana, Dionísio, Shirley, Gabrielle e Heloíse Gripp – a essa meu agradecimento em especial por ter me apoiado, quando estive em Florianópolis.

À Associação dos Surdos do Ceará (ASCE), por ter me oportunizado a participação na comunidade surda e crescimento no conhecimento e uso da língua de sinais, que é a minha primeira língua.

Aos informantes da minha pesquisa.

A minha amiga e intérprete Izaete Vieira, que traduziu e acompanhou o desenvolvimento da minha pesquisa.

Aos tutores do Letras-Libras do polo da Universidade Federal do Ceará (UFC), Aline Souza e Ernando Pinheiro, que trouxeram valiosas contribuições para este trabalho.

A Renata Peixoto, que me auxiliou no anteprojeto.

A minha equipe de trabalho do Núcleo Atendimento Pedagógicos Especializados (NAPE), à escola Manoel Rodrigues e a todos os meus colegas instrutores surdos (Adller Sousa, Lídia Barbosa, Natália Cavalcante e Judiciano Silva); aos intérpretes (Izabel Nascimento, Ronaldo Sousa, Caline França, Rômulo Queiroz, Rafaele Nogueira, Valeriana Magalhães, Glailson Santos e Paulo Alves) pela força e colaboração, em especial a Eveline Silva pela solidariedade e compreensão demonstrada.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho.

RESUMO

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua natural das comunidades surdas do Brasil nos levou a pensar na forma de comunicação utilizada pelas comunidades surdas brasileiras que habitam cidades pequenas e pouco desenvolvidas, distantes dos grandes centros urbanos, cujos habitantes surdos não têm acesso à Libras. Este estudo tem como perguntas norteadoras, as seguintes: existem aspectos linguísticos nos sinais caseiros? Os sinais caseiros expressam satisfatoriamente o pensamento de seus utentes? Para responder a esses questionamentos, iniciamos esta investigação em duas pequenas cidades do Estado do Ceará, em que há surdos em condições de isolamento linguístico, que não têm contato com ouvintes e/ou surdos de centros urbanos usuários de Libras e que, por isso, utilizam sinais caseiros, criados e convencionados por eles e seus familiares, como principal meio de comunicação. Foram três informantes colaboradores desta pesquisa, dois residentes da mesma localidade, Paraipaba, que frequentemente estabeleciam contato entre si, e um terceiro, habitante de Sítios Novos. Os instrumentos utilizados na coleta dos dados foram questionários e câmeras de vídeo. Os dados foram analisados com o auxílio do programa de tradução ELAN, o que permitiu a descoberta de aspectos linguísticos no léxico dos informantes, tais como: combinação dos parâmetros fonológicos na formação dos sinais caseiros, presença de sinais emblemáticos, iconicidade, sinais compostos, pronomes dêixis, referência temporal e o mapeamento corporal. Os sinais produzidos pelos surdos investigados revelam um sistema linguístico natural na modalidade espaço-visual que, embora simples, é capaz de preservar a capacidade cognitiva do indivíduo, e possibilitar sua interação comunicativa com familiares e outros de seu convívio. Por essas razões, os sinais caseiros parecem preencher os quesitos para se qualificarem enquanto língua – uma língua de sinais.

Palavras-chave: Linguagem. Língua de sinais. Sinais caseiros.

ABSTRACT

The recognition of Brazilian Sign Language (Libras) as the natural language of Brazilian deaf communities got me thinking about the form of communication used by the Brazilian deaf communities who live in small and underdeveloped towns, far from major urban centers, whose deaf inhabitants do not have access to Libras. That has instigated me to carry out this research, which has the following guiding questions: are there linguistic aspects in home sign? Does home sign express its users' thought well? To answer those questions, I started my research in two small towns in the state of Ceará, where there are deaf people under conditions of linguistic isolation, who do not have contact with hearing and/or deaf people from urban centers who use Libras, and that therefore use home signs, created and conventionalized by them and their relatives, as the principal means of communication. There were three research collaborators as informants, two of them lived in the same place, Paraipaba, and had contact with each other very often, and the third one lived in Sítios Novos. The instruments used in data collection were questionnaires and video cameras. Data were analyzed with the help of ELAN, a translation software, which enabled the finding of linguistic aspects in the lexicon of the informants, such as: phonological parameters combination in home sign formation, the presence of emblematic signs, iconicity, compound signs, pronoun deixis, temporal reference and body mapping. The signs produced by the investigated deaf people reveal a natural language system in the spatial-visual modality, which, although simple, is able to preserve the individual's cognitive capacity and enable his interactive communication with relatives and others from his surroundings. For those reasons, home sign seems to comply with requirements to qualify itself as a language – a Sign Language.

Key-words: Language. Sign Language. Home Sign.

LISTA DE ABREVIATURAS

ASL – *American Sing Language* (Língua de Sinais Americana)

ASCE – Associação dos Surdos do Ceará

CM – Configuração de Mãos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ELAN – EUDICO *Linguistic annotator*

GU – Gramática Universal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

ICES – Instituto Cearense de Educação dos Surdos

LGP – Língua Gestual Primária

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LS – Línguas de sinais

LSC – Língua de sinais caseira

MEC – Ministério da Educação

Prolibras – Exame de Certificação Nacional em Proficiência no uso de Libras

SC – Sinais caseiros

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UVA – Universidade Estadual Vale Acaraú

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Linguagem e Língua	22
Figura 2 – Triádica de Signo.....	24
Figura 3 – Par mínimo: AMARELO/PERIGO	29
Figura 4 – Par mínimo: SORVETE/PICOLÉ.....	29
Figura 5 – Configurações de mãos.....	31
Figura 6 – Verbos e substantivos: PENTEAR e PENTE.....	32
Figura 7 – Positivo.	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologias dos Gestos	36
Quadro 2 – Mapeamento Corporal	38
Quadro 3 – Perfil dos sinalizantes	45
Quadro 4 – Configurações de mão.....	52
Quadro 5 – Sinais produzidos por Coqueiro	53
Quadro 6 – Sinais produzidos por Macaxeira.....	57
Quadro 7 – Sinais produzidos pelo Tapioqueiro	64
Quadro 8 – Relação motivacional icônica dos sinais caseiros produzido por Coqueiro.....	67
Quadro 9 – Relação motivacional icônica dos sinais caseiros produzido por Macaxeira.....	69
Quadro 10 – Relação motivacional icônica dos sinais caseiros produzido por Tapioqueiro	70
Quadro 11 – Sinais emblemáticos produzidos por Coqueiro	71
Quadro 12 – Sinais emblemáticos produzidos por Macaxeira.....	74
Quadro 13 – Sinais emblemáticos produzidos por Tapioqueiro	76
Quadro 14 – Sinais caseiros compostos produzidos por Coqueiro	78
Quadro 15 – Sinais caseiros compostos produzidos por Macaxeira	79
Quadro 16 – Referência temporal na língua de sinais caseiros.....	81
Quadro 17 – Mapeamento corporal	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM E PENSAMENTO	20
1.1 Língua e linguagem	20
1.2 Linguagem e pensamento	23
<i>1.2.1 Signos.....</i>	<i>23</i>
<i>1.2.2 Linguagem e pensamento verbal.....</i>	<i>25</i>
<i>1.2.3 Linguagem e pensamento não-verbal.....</i>	<i>26</i>
2 LÍNGUA DE SINAIS.....	28
2.1 Aspectos fonológicos da língua de sinais brasileira	28
2.2 Parâmetros fonológicos na língua de sinais brasileira	30
<i>2.2.1 Fonologia</i>	<i>30</i>
<i>2.2.1.1 Configuração de mão</i>	<i>31</i>
<i>2.2.1.2 Movimentos</i>	<i>32</i>
<i>2.2.1.3 Locação.....</i>	<i>32</i>
<i>2.2.1.4 Orientação da mão</i>	<i>33</i>
<i>2.2.1.5 Expressões não-manuais</i>	<i>33</i>
2.3 Língua de sinais caseira.....	33
<i>2.3.1 Sinais caseiros: aspectos sociolinguísticos.....</i>	<i>33</i>
<i>2.3.2 Período pré-linguístico</i>	<i>35</i>
<i>2.3.3 Sinais caseiros: aspectos linguísticos.....</i>	<i>38</i>
3 METODOLOGIA	40
3.1 Coleta de dados.....	40
3.2 Abordagem da pesquisa.....	40
3.3 Instrumentos da pesquisa.....	42
<i>3.3.1 Questionários</i>	<i>42</i>
<i>3.3.2 Câmera.....</i>	<i>42</i>
<i>3.3.3 Procedimento</i>	<i>43</i>

3.4 Perfil dos sujeitos	43
3.4.1 <i>Perfil de Tapioqueiro.....</i>	43
3.4.2 <i>Perfil de Coqueiro.....</i>	44
3.4.3 <i>Perfil de Macaxeira</i>	44
3.5 Aplicação metodológica	45
3.6 Transcrição	46
3.6.1 <i>A história da transcrição.....</i>	46
3.7 Banco de dados.....	46
3.7.1 <i>Da transcrição da sessão</i>	46
3.8 Programa ELAN	47
4 ANÁLISE DOS DADOS	48
4.1 Análise das configurações de mão.....	53
4.2 Iconicidade.....	66
4.3 Uso de sinais emblemáticos nos sinais caseiros e em Libras.....	71
4.4 Sinais compostos.....	78
4.5 Referente temporal.....	81
4.6 Numerais	82
4.7 Noções pronominais	83
4.8 Expressões não-manuais	83
4.9 Mapeamento corporal.....	84
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87
ANEXOS.....	93

INTRODUÇÃO

“A língua de sinais é uma língua de modalidade espaço-visual, percebida pela visão e produzida pelas mãos.” (QUADROS; KARNOPP, 2004). Ela é recorrente nas comunidades surdas do mundo inteiro e expressa sentimentos, vontades ordens ou qualquer outro enunciado produtivo. Assim como nas línguas orais, seus signos, bem como seus respectivos significados linguísticos, são convencionados nas comunidades surdas sinalizantes. As línguas de sinais compartilham de características que as distinguem de outros sistemas comunicativos, o que, entre outros atributos, a qualifica como língua natural.

A língua de sinais brasileira, usada pela comunidade surda brasileira espalhada por todo o país, é organizada espacialmente de forma complexa quantos às línguas orais-auditivas. Analisar alguns aspectos da sintaxe de uma língua de sinais requer “enxergar” esse sistema que é visuoespacial e não-oral auditivo. De certa forma, tal desafio apresenta certo grau de dificuldade aos linguistas; no entanto, abre portas para as investigações no campo da teoria da gramática enquanto manifestação o possível da capacidade de linguagem humana. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 127).

Os pais de crianças surdas em sua maioria, aproximadamente 95% não têm conhecimento ou informações substanciais sobre o que venha a ser a língua de sinais, ou de sua importância para o desenvolvimento cognitivo, do pensamento lógico, da linguagem e do acesso ao conhecimento necessário para formação cultural, social e profissional da pessoa surda, conforme explicam Quadros e Karnopp (2004).

Minha primeira experiência com a língua de sinais se deu aos 12 anos de idade, em contato com outros surdos participantes da comunidade surda e frequentadores da Associação dos Surdos do Ceará (ASCE). Neste ambiente, passei a fazer cursos, participar de congressos, interagir com os meus pares de forma assídua e profunda, o que foi gerando em mim uma identidade e uma cultura surda.

Minha surdez foi diagnosticada aos 12 meses de idade. A partir desta descoberta meus pais passaram a buscar meios alternativos que possibilitassem a aquisição da linguagem por meio de métodos orais-auditivos, por compreenderem ser esta a única forma de me proporcionar a mim a integração educacional e social necessária. Logo que iniciamos o tratamento, passei a usar dois aparelhos auditivos, na tentativa de amplificar minha audição, e atingir o nível de normalização. A falta de informações impediu que meus pais buscassem outras alternativas que se adequassem satisfatoriamente as minhas

necessidades comunicativas e linguísticas, como: minha inserção na comunidade surda e/ou uma escola especializada na educação de surdos que utilizasse a língua de sinais como língua de instrução, me oportunizando o contato com pessoas surdas adultas, de modo que o conhecimento chegasse até mim de forma natural. O uso do aparelho auditivo, meio pelo qual meus familiares acreditavam me auxiliar na aquisição da fala oral, pouco favorece a criança surda se não forem oferecidos a ela estímulos favoráveis ao desenvolvimento linguístico e cognitivo, como diz Santaella (2005, p. 58): “[...] é necessário olhar dentro do organismo, prestar a atenção não só aos estímulos que vêm de fora e às respostas que são dadas a eles, mas também aos processos internos que servem de mediação entre a percepção e a ação.”

Na década de 80 as informações sobre a surdez e língua de sinais eram escassas, e as poucas que existiam traziam em seu conteúdo uma abordagem clínica sobre a surdez e o surdo. Os familiares de crianças surdas eram fortemente influenciados pelos profissionais da saúde sobre a importância do uso de aparelhos auditivos e outras tecnologias assistivas para desenvolvimento da fala, e não havia uma preocupação com os aspectos cognitivos e sociológicos que envolvem a pessoa surda. As informações sobre o assunto vinham dos médicos, fonoaudiólogos, terapeutas e psicólogos, visto que a estes a sociedade atribuía o poder de curar o que consideravam ser uma anomalia.

Para atender a esta necessidade, foram desenvolvidas novas tecnologias, como implantes cocleares e os já referidos aparelhos auditivos (agora com maior descrição e potência), intencionando a normalização da pessoa surda e, consequentemente, sua inserção direta na sociedade: o que não aconteceu.

Outro aspecto a ser considerado é a visão assistencialista que determinados grupos sociais têm a respeito da pessoa surda (religiosos, psicólogos, escolas especiais), os vendo como indivíduos frágeis e necessitados de ajuda governamental, como benefícios, aposentadoria e outros, não acreditando em sua capacidade intelectual ou profissional.

No período da descoberta de minha surdez as leis e seus respectivos decretos (lei nº 10.436, decreto nº 5.626, entre outras), que tratavam dessas especificidades, ainda não haviam sido elaboradas e/ou sancionadas.

Na área da linguística, não havia pesquisadores dedicados ao estudo específico da língua de sinais; além disso, havia alguns poucos intérpretes, que em sua maioria eram ligados a instituições religiosas, e atuavam voluntariamente, mas que não tinham uma formação profissional necessária à realização de tal função. Esta situação aos poucos tem mudado. Em 2002, o então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sancionou a lei nº 10.462, conhecida como a Lei da Libras, que oficializou a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua e principal meio comunicativo dos surdos do Brasil e, posteriormente, em 2005, na gestão do presidente Luís Inácio Lula da

Silva, foi criado o decreto de regulamento da referida lei – decreto nº 5.626. Esses dois eventos sinalizaram mudanças significativas no uso e difusão da Libras, consequentemente estas mudanças alcançaram a vida dos surdos do Brasil. A criação desses novos instrumentos legais proporcionaram a abertura de novos cursos na área acadêmica, como o curso de Letras/Libras pra a formação de professores, prioritariamente surdos, para o ensino da disciplina de Libras em universidades e outras instituições educacionais, e o Bacharelado em Tradução e Interpretação, Libras/Português/Libras para formação de intérpretes, certificando-os e legitimando sua profissão.

Como medida de urgência, e para atender as exigências legais de ofertar às pessoas surdas acesso à educação e a outros serviços fundamentais a qualquer um que viva em sociedade, o Ministério da Educação (MEC) criou o Exame de Certificação Nacional em Proficiência no uso de Libras (Prolibras), realizado anualmente desde 2006, objetivando examinar a produção e compreensão na Libras e certificar intérpretes e professores desta língua para que possam atuar em escolas ou qualquer outro segmento da sociedade, sejam públicos ou privados, a fim de garantir à pessoa surda o direito à participação social. Por essa razão a demanda por intérpretes nas instituições educacionais públicas e privadas é crescente, bem como o aumento de profissionais linguistas interessados em pesquisar a língua de sinais, o sujeito surdo e sua cultura, o que contribui para novas expectativas na comunidade surda (QUADROS, 2009).

Em 2001, prestei vestibular na Universidade Estadual do Vale Acaraú (UVA), para o curso de Pedagogia em regime especial, fui aprovada e fiz o curso juntamente com outros colegas surdos; tivemos o acompanhamento de um intérprete durante o decorrer de todo o curso. Posteriormente, ingressei na Universidade Federal do Ceará (UFC), no curso de Letras/Libras na turma de 2006, na modalidade à distância, com previsão de término para o ano de 2010.

Formada em pedagogia, iniciei um trabalho na Escola Pública Municipal de Ensino Fundamental Corália Gonzaga (situada no município de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza) que implementou um projeto educacional para alunos surdos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A princípio, com sete alunos surdos adultos, no primeiro semestre pela manhã, e no seguinte, com dez alunos, à tarde. Esta é uma escola regular, com salas de aula especiais para surdos, na qual fui regente e contava com a presença de um profissional intérprete que me acompanhava nas reuniões de pais e mestres, professores e planejamento escolar.

Os alunos moravam numa cidade pequena, na zona rural, consequentemente desconheciam a Libras, por isso introduzi o uso dela em meu trabalho em sala de aula – modalidade nova na rotina escolar, até então. Por tratar-se de uma experiência nova, sem o conhecimento da Libras pela

maioria dos alunos, aprendi alguns sinais caseiros, modalidade a eles inerente, objetivando vencer as dificuldades comunicativas, e então iniciarmos a disciplina de Libras. Os sinais caseiros usados por eles foram criados e convencionados em virtude da falta da interação com surdos sinalizantes, pois moravam na zona rural e não tinham acesso às informações necessárias para a construção de uma identidade linguística; eles se expressavam e interagiam com outras pessoas ouvintes ou surdas através de uma linguagem que lhes era comum. Embora a sua forma de sinalizar se diferenciasse dos sinais oficializados, suas experiências visuais, suas produções e forma de assimilar o mundo, apontava-os como pertencentes a uma cultura essencialmente visual, e os identificavam com as comunidades surdas do Brasil.

Entendendo ser a gestualidade (língua de sinais caseiros) – usada pelos alunos e por todos aqueles que não sabem línguas de sinais – um tipo de conhecimento pertencente à mesma modalidade perceptual aplicada à língua de sinais, porém apresentando algumas características diferentes, resolvi cursar o mestrado focando os aspectos que qualificam os sinais caseiros como língua.

Para Guarinello *et al* (2007, p. 79), a criança surda usa gestos (icônicos e indicativos) para comunicar-se com os ouvintes, fugindo do isolamento social resultante da ausência de uma língua.

Diante desse contexto, este trabalho propõe-se a verificar a existência da estrutura linguística nos sinais caseiros, uma vez que, antes da vida em comunidade (entenda-se comunidade surda sinalizante) o surdo é compreendido como alguém que não tem um sistema gestual linguisticamente organizado. Para tanto, recorri a autores como: Cuxac (2000), que trata da importância da representação icônica nos gestos primários, aqui chamados de sinais caseiros, como sendo o fundamento da língua de sinais; Quadros e Karnopp (2004), que investigaram os aspectos linguísticos da língua de sinais; bem como Fusellier (2004), fundamental nesta pesquisa por reconhecer a língua de sinais caseiros (LSC) como sistema linguístico; e Goldin-Meadow (2003), precursora nos estudos da produção de sinais caseiros por crianças surdas sem contato com utentes da língua de sinais. Houve a contribuição de outros autores, mas posso destacar esses como fundamentais nesta pesquisa, pois respaldam teoricamente o tema central. É importante salientar que há poucos autores que abordam o tema, o que dificultou e limitou a coleta de informações bibliográficas.

A pesquisa pretendeu, de forma qualitativa e explanatória, investigar o uso de sinais caseiros por surdos em condições de isolamento linguístico abordando o que há de mais característico nesta situação, e compreendendo que este tipo de pesquisa proporciona ao pesquisador um conhecimento mais profundo sobre o tema, conforme afirmam Richardson (2008), Gomes e Minayo (2007) e Fusellier (2004). É importante frisar que o caso pesquisado

foi sinais caseiros, e os sujeitos da pesquisa foram três surdos residentes da região metropolitana de Fortaleza, a saber: um de Caucaia e dois de Paraipaba. O instrumento de coleta são basicamente as filmagens de produções espontâneas realizadas pelos sujeitos analisados, que foram posteriormente transcritas pelo sistema de transcrição ELAN (ANEXO A), e questionário contendo perguntas de ordem pessoal e educacional.

Para esse fim, o trabalho foi dividido em três partes:

- no primeiro capítulo trago algumas considerações a respeito da linguagem e do pensamento verbal e não-verbal e signos linguísticos;
- no segundo capítulo abordo questões relacionada à língua de sinais oficial e sinais caseiros especificamente, observando sua fonologia;
- no terceiro capítulo trato de forma explanatória, através das coletas de dados, da abordagem qualitativa, desvedando o uso dos sinais caseiros dos informates surdos;
- no quarto capítulo apresento o corpo e resultados da pesquisa, bem como a metodologia aplicada no seu desenvolvimento, objetivando, de forma geral, investigar a existência de aspectos linguísticos nos sinais caseiros produzidos por surdos que vivem em situação de isolamento linguístico; e especificamente, estabelecer uma relação análoga de aspectos linguísticos entre os sinais caseiros e as Libras, verificar a existência dos parâmetros fonológicos nos sinais caseiros e identificar sua origem.

Com esse estudo, pretendo cooperar com a sociedade trazendo informações quanto a importância do uso dos sinais caseiros para a preservação do funcionamento do processo cognitivo do indivíduo surdo que os utiliza em sua comunicação.

De acordo com Vygotsky (1993, p. 108), “[...] a linguagem possui além da função comunicativa, a função de constituir o pensamento. [...] o processo pelo qual o indivíduo adquire a linguagem segue no sentido do exterior para interior, do meio social para o individual.” Partindo desse pressuposto, pode-se entender que os problemas de comunicação e cognição vivenciados pela comunidade surda têm suas origens no meio social em que vivem, e que suas dificuldades de ordem linguística advêm da não inserção desses indivíduos em um ambiente linguístico adequado. Esse ambiente deve ofertar a eles uma exposição à língua de sinais (LS) nos seus primeiros anos de vida (aproximadamente aos 2 anos de idade), para que tenham um desenvolvimento linguístico sem comprometimento.

A aquisição da LS dará ao surdo as condições necessárias ao exercício de sua cidadania, e propiciará a construção de sua identidade, o que assegurará a sua participação ativa na sociedade em igualdade de condições com ouvintes. O que constatei por meio de experiências realizadas com alunos da Escola Corália Gonzaga (da rede municipal de Caucaia-CE), é que surdos que não são expostos a um ambiente como o que fiz referência acima, apresentam sinalização simplificada com léxico limitado ao seu cotidiano familiar, que não lhes proporcionam participação nos diversos segmentos sociais. Esses sinais desenvolvidos dentro de um contexto familiar são denominados de sinais caseiros (SC) e são criados pelos surdos, filhos de pais ouvintes, e convencionados entre os integrantes da família e pessoas próximas, objetivando a comunicação.

Para os surdos que se encontram em situação semelhante aos alunos da escola anteriormente citada, é fundamental uma apropriação linguística que viabilize as suas expressões e produções culturais, aquisição de valores e identidade com o grupo social, mesmo que o início desta aquisição se dê por meio de sinais não convencionais, ou mesmo linguagem simplificada, até que alcancem níveis mais elaborados de linguagem. O importante é que o processo de interação e comunicação se complete.

Para apresentação deste trabalho escolhemos a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por ela dispor de recursos materiais, humanos e metodologias que contemplam as necessidades comunicativas dos surdos, como avaliações em Libras, grupo de estudos especificamente para surdos, biblioteca disponível, professores com conhecimento em línguas de sinais e intérpretes, razões pelas quais acredito facilitar o enfrentamento das barreiras que são peculiares aos surdos. Fui aprovada na seleção para mestrado do projeto interprograma “Estudos surdos: expansão de formação e pesquisa”, da área de concentração psicolinguística.

O projeto de estudo inicialmente foi desenvolvido, tendo por referência a escola Corália Gonzaga Sales, situada na cidade de Caucaia, distando aproximadamente 16,5 km da capital de Fortaleza, com 250.479 habitantes, sendo 7.580 com tipos de deficiência auditiva. No decorrer do trabalho percebi que os alunos da referida escola já apresentavam um nível de desenvolvimento linguístico considerável na Libras, em virtude de seu contato com professores sinalizantes, intérpretes comigo mesma que lecionei esta disciplina nessa escola. Isso fez com que eu abrisse a pesquisa a outras localidades em que pudesse encontrar utentes da SC que não haviam sido influenciados pelo uso da Libras, mantendo sua natividade linguística, por isso, além de Caucaia, fui até Paraipaba em busca de indivíduos surdos que apresentassem essas características.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM E PENSAMENTO

O presente capítulo explicitará o conceito de língua, linguagem e pensamento sob a visão da linguística. Aqui abordarei autores que trabalham as questões relacionadas ao significado, signo, pensamento verbal e pensamento não-verbal.

1.1 Língua e linguagem

A linguagem é um o sistema de comunicação que envolve vários saberes, está presente no meio ambiente, nos homens, animais e na natureza em geral. Todas as expressões (corporais, faciais, reações de nossos organismos, vestimentas, sinais de trânsito, músicas, pinturas e a linguagem dos animais) são meios de comunicação. Embora a linguagem contemple essas diferentes manifestações comunicativas, a ciência tende a se preocupar mais com a forma de comunicação humana, por estar relacionada ao pensamento, tentando conhecê-lo melhor, investigando-o, compreendendo seus mecanismos cerebrais, sua vida como indivíduo e como ser social. As ciências, de um modo geral realizam estudos e pesquisas descrevendo os fatos, os fenômenos, e as crenças voltando-se para o campo da linguagem.

Dentro dessa perspectiva se faz necessário conceituar de forma clara o que vem a ser linguagem e língua, pois é comum encontrar o uso do termo linguagem para significar a ambos. Conforme Fernandes (2003), o que difere uma da outra é o fato de que a língua está ligada a um conjunto abstrato de regras gramaticais e ao pensamento, enquanto a linguagem tem uma maior abrangência, comportando em si todas as formas de comunicação. Partindo então desse conceito de língua, é possível então concluir que as línguas de sinais se diferenciam das línguas oralizáveis em sua modalidade, possuindo abstrações gramaticais próprias, devendo ter o seu reconhecimento como língua natural, ou seja, é uma realização da faculdade de linguagem que se apresenta em um sistema abstrato com regras finitas e de possibilidades infinitas em produção de sentenças; ela é adquirida de forma natural, não institucionalizada, e usada com a finalidade social de estabelecer comunicação entre os seus usuários (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Nesse momento, explicitarei um pouco mais o conceito de língua, pois a linguagem, sendo conceituada como um sistema de comunicação natural ou artificial humano ou não (LYONS, 1987), traz um sentido genérico reforçado pelo uso do vocábulo *language*, que nos Estados Unidos é usado tanto para língua como para linguagem; já no Brasil as funções se diferenciam não somente pelo contexto, mas pelo uso de vocábulos distintos (língua e linguagem) (LYONS, 1987). Sapir (1929) usa a palavra linguagem

genericamente explicando que é um método pertencente especificamente ao ser humano, não instintivo, usado para comunicar seus desejos e emoções por meio de símbolos voluntariamente produzidos. Em sua obra *Outline of linguistic analysis*, Bloch e Trager (1942) escreveram que uma língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários por meio dos quais um grupo social coopera. Em *Essay on Language*, Hall (1968) diz que a língua(gem) é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados, Robins (1979) não oferece uma definição formal de língua(gem); ele aponta que tais definições tendem a ser elementares e não trazem grandes informações, a menos que pressuponham alguma teoria geral da linguagem e da análise linguística. O autor ressalta que as línguas são sistemas de símbolos quase totalmente baseados em convenções puras ou arbitrárias, enfatizando, contudo, sua flexibilidade e adaptabilidade. A última definição citada aqui aborda um campo muito diferente, considerara que a língua é um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos (CHOMSKY, 1957).

Para Fernandes (2003), de modo geral, a língua é formada por um conjunto de regras gramaticais com capacidade de identificar sua estrutura nos seus diversos planos (tipos da estrutura da linguística como: classes gramaticais, estruturas frasais, contextualização e outras, constituindo-se em um tipo de linguagem, embora a linguagem não seja um tipo de língua.

O esquema abaixo apresenta os termos da linguagem e língua em seus respectivos lugares:

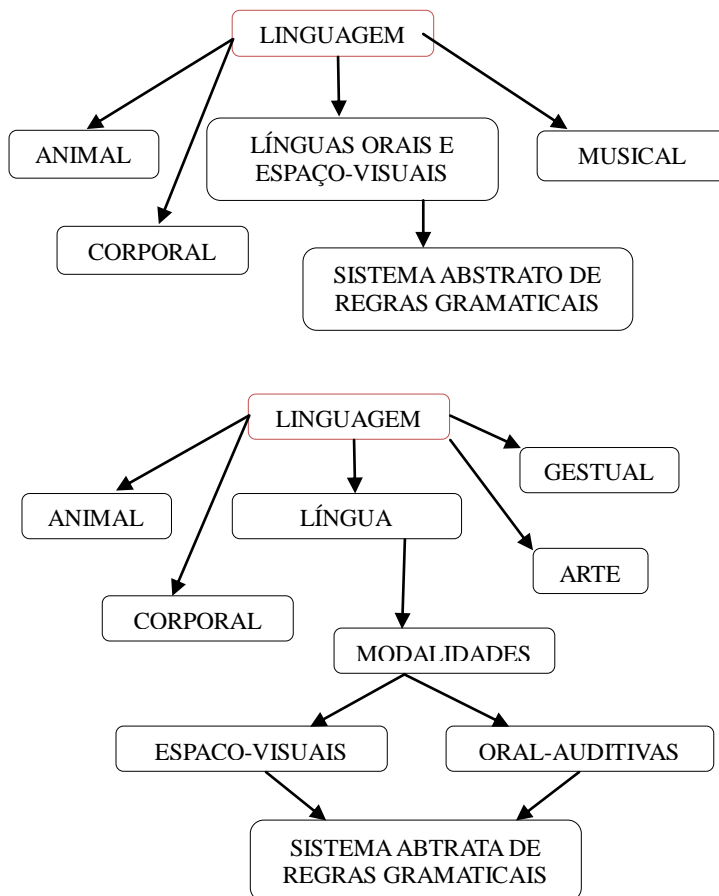


Figura 1 – Linguagem e Língua

Fonte: Fernandes (2003).

Amparado por esse esquema, Scliar-Cabral (apud FERNANDES, 1991) explica que os sistemas de linguagens, como o nome está indicando, são internalizações dos vários sistemas formalizados no seio de uma dada cultura: o sistema verbal, subdividido em áudio-vocal e lecto-escrito (não inclui aqui o sistema viso-manual dos deficientes físicos¹, por razões de espaço); o sistema semaforico; o sistema musical; o sistema matemático entre outros. As línguas se apresentam em duas modalidades distintas que podem ser: espaço-visuais e

¹ Estudos sobre a identidade surda suprimiram os termos deficientes físicos, deficientes auditivos e surdo-mudo, pois entendem a surdez como diferença e não como deficiência. Além disso, com a língua de sinais os surdos podem comunicar-se plenamente com interlocutores que dominem sua língua.

orais-auditivas – a primeira denominada em função de sua recepção por meio da audição e reprodução pelo aparelho fonador, e a outra pelo canal perceptual da visão, e realização por meio das mãos que se movimentam no espaço na frente do corpo, acompanhadas das expressões faciais e corporais (QUADROS, 2004). A origem das línguas espaço-visuais é equivalente a qualquer língua natural conhecida e usada pelas comunidades linguísticas.

De acordo com Bakhtin (1990), muitos dos conceitos acima citados, não ressaltam como aspecto fundamental a significação na língua. Este autor afirma que o enunciado só recebe sentido no contexto social no qual está inserido, o que denota a língua numa situação de diálogo constante. Bakhtin (1990) ainda critica a visão de língua da corrente ideológico-linguística *Objetivista Abstrato*, que se preocupa apenas com os aspectos normativos da língua, o autor diz que o utente de uma língua não a reconhece como um sistema de normas abstratas, e sim como um conjunto de significações dadas em determinado contexto.

1.2 Linguagem e pensamento

1.2.1 *Signos*

Do final do século XIX ao século XX, o conceito de signo ocupou diversos espaços nas conceituações sob a ótica de diversos autores, sofrendo assim várias influências.

Ferdinand Saussure definiu signo como a união indissociável entre significante (imagem acústica ou cadeia sonora) e significado (sentido) (FERNANDES, 2003), deixando claro que a palavra ou expressão para ser considerada signo deve apresentar as duas faces, ou seja, a de não haver palavra sem sentido nem sentido sem palavra (vocábulos = significantes – exemplo “copo” – o objeto significado-exemplo: o que o copo significa um vasilhame em que posso colocar – água, leite, sucos etc. Saussure afirma ainda que o signo é social, isto é, que as palavras não são possessão de alguém, mas pertencem à comunidade linguística, pois é esta que a convenciona; portanto se constitui em um processo social e não individual, arbitrário e imutável, sendo o significante fruto desta convenção, por ser descrito de uma determinada forma e aceito pela comunidade linguística e sacramentada, não cabendo mudanças, exceto, quando tratar-se de modificações trazidas pelo tempo e/ou a história, mas não por momentos sociais. Assim é possível apresentar a seguinte fórmula:

$$\text{SIGNO} = \text{SIGNIFICANTE} + \text{SIGNIFICADO}$$

Na primeira década do século XX, Peirce (1980) publicou seus estudos sobre os signos, e em sua teoria manteve a ideia de Saussure, considerando o signo social, arbitrário e imutável. Mas ele dá um enfoque diferente quanto ao papel do indivíduo na atribuição e interpretação dos signos. De acordo com

seus estudos, as influências advindas do meio, a formação intelectual, cultural e social são variáveis que influenciam a forma de interpretação do signo, de pessoa para pessoa.

De acordo com Peirce (1980, p. 56) “[...] um signo é aquilo que representa alguma coisa para alguém.” Nesse sentido, o signo traz referências sociais, mas também individuais, e o seu significado depende das variantes contextuais em que o indivíduo está inserido, fazendo com que o significado de um signo se diferencie na interpretação. Isso revela que embora a ideia norteadora trazida pelo signo seja geral e social, o sentido do signo se diferencia de indivíduo para indivíduo.

Dirigindo-se à pessoa que atribui o significado ao signo, esse primeiro signo criará na mente (semiose) dessa pessoa um signo equivalente a si mesmo ou eventualmente um signo mais desenvolvido, este signo é chamado por Peirce de *representamen*. “O segundo signo criado na mente do receptor recebe a designação de interpretante e a coisa representada é conhecida pela designação de objeto, Estas três entidades formam a relação triádica de signo.” (COELHO NETTO, 2007, p. 56). Como mostra o quadro abaixo:

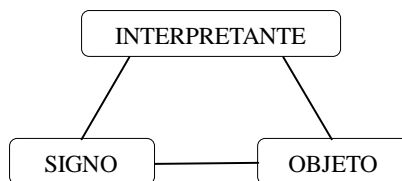


Figura 2 – Triádica de Signo

Fonte: Coelho Netto (2007).

Pottier (1978) concorda com Saussure e Pierce, sincretizando as teorias e acrescentando novos elementos no conceito de signo. Para ele, o signo é social, e está condicionado a interpretações precedentes dos processos mentais de cada indivíduo e pode ser subordinado ao contexto verbal em que se encontra. A diferença de sentido pode ser ilimitada, em razão do contexto. Eis as seguintes frases: *Comi um sanduíche de filé / Você é um filé* – elas explicam a palavra do significante filé, mas apresentam significados diferentes. Na visão de Pottier (1978), na primeira frase interpreta-se, o significante filé, como sendo uma das partes da carne do boi e na outra, como atributo de beleza.

Para Vygotsky (1989), o signo está intrinsecamente ligado ao indivíduo, porém não descartar a função social dele. Vygotsky (1989) entende que o significado de um signo modifica-se à proporção que a criança se desenvolve, variando a compreensão do indivíduo sobre o mesmo signo de acordo com sua

idade cronológica, sendo as diversas maneiras de compreensão graduadas apenas pelo grau de desenvolvimento cognitivo de cada um. O autor diz, ainda, ser o signo imutável em sua referência objetiva, ou seja, o significante de hoje será o mesmo no futuro, o que não ocorrerá com o significado, que é mutável, por conta do desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

Bakhtin (apud GOLDFELD, 2002), assim como Vygotsky, diferencia a noção de sentido e significado, mas para identificá-los utiliza os termos *significação* e *tema da enunciação*. Para ele o sinal (complexo sonoro de significado único e imutável), é limitado em seu alcance, pois abrange apenas a significação do enunciado, enquanto o signo alcança não só o enunciado, mas também o tema da enunciação, ou seja, o sentido. Discordando de Saussure, Bakhtin descarta a ideia da imutabilidade do signo, para ele o que é imutável é o sinal, por ser este um elemento que não resiste às mudanças frequentes da língua que é utilizada em função de uma realidade social e econômica, já as mutações do signo decorrem de mudanças sociais, culturais e históricas vividas por seus utentes.

[...] se um complexo sonoro qualquer comportasse uma única significação inerte e imutável, então esse complexo não seria uma palavra, não um signo, mas apenas um sinal. A multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra. (BAKHTIN, 1990, p. 10).

A partir dos conceitos de signo estudados acima, como referência básica no estudo da aquisição da linguagem, passarei ao estudo sobre linguagem e pensamento.

1.2.2 *Linguagem e pensamento verbal*

O pensamento verbal apresenta o significado como base para o desenvolvimento de conceitos. Por meio do significado é possível verificar a correlação imediata entre o mecanismo mental do pensamento e os instrumentos linguísticos envolvidos no processo, ao contrário do significante, que mostra a concretização da língua por meio de uma imagem acústica, semiótica, restrita ao processo mental.

O significado não envolve apenas os mecanismos linguísticos, mas também os processos mentais, especificando o fenômeno do pensamento. Conforme Vygotsky (1989, p. 104), “[...] a generalização e os conceitos são inegavelmente atos do pensamento, desta forma podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.”

O pensamento verbal, conforme Vygotsky (apud FERNANDES, 2003) só se concretiza por meio da incorporação das palavras às imagens mentais, ou

seja, do significante ao significado. O fenômeno dessa representação nos processos mentais, é que torna o pensamento e a linguagem interdependentes. Vygotsky (1989) afirma que este fenômeno da união entre a linguagem e pensamento é identificado como pensamento verbal ou fala significativa. Isto explicita que a língua faz parte do universo de representações de um indivíduo (desde o seu nascimento), e que linguagem e pensamento interagem no processo de interpretação significativa de seu universo conceitual.

Em suma, o pensamento verbal pode ser caracterizado como produto direto da interação dos processos mentais, do pensamento e linguagem, mais especificamente da língua, tendo como base o significado.

1.2.3 Linguagem e pensamento não-verbal

No pensamento não-verbal, de acordo Vygotsky (apud FERNANDES, 2003), a linguagem e o pensamento se cruzam, mas atuam separadamente. O pensamento pode exercer sua função naturalmente sem a interação com os mecanismos e/ou instrumentos linguísticos. No que se refere à ausência de uma língua, os estímulos a que são expostos os sentidos, por exemplo, podem desencadear processos mentais que se organizam sem que seja necessária a presença dos mecanismos linguísticos, como lembranças de momentos passados e imagens mentais. Estas ações se relacionam com o pensamento, mas não com a linguagem (no sentido estrito da língua). Como observa Slobin (1980, p. 207), “A fala (sentido da língua) é um dos muitos instrumentos do pensamento, mas não é o próprio pensamento.”

É possível se concluir, então, que o pensamento não-verbal não está subordinado aos mecanismos e processos linguísticos, pois, mesmo os sujeitos que não são expostos a uma língua, seja ela viso-espacial ou oral-auditiva, mantém seu processo cognitivo em atividade, contudo não se pode ignorar que a falta da aquisição de uma língua interfere significativamente no desenvolvimento cognitivo do sujeito (SACKS, 1990).

Sendo já conceituados de forma clara o signo, a linguagem e a língua, passarei a correlacioná-los com as suas respectivas conotações na língua de sinais.

Na língua oral-auditiva o termo “palavra” é usado para designar o léxico, enquanto que na língua de sinais os elementos lexicais se designam por “sinal”. Este se constitui como signo linguístico, da mesma forma que a palavra.

O termo fala é comumente entendido como produção oral realizado pelo aparelho fonador, porém quero me reportar ao conceito de fala trazido por Vygotsky, para designação de igual valor para o termo sinalização, que é a produção viso-espacial realizada por pessoas surdas por meio das mãos,

acompanhada de expressões faciais e corporais, por isso, em oposição ao primeiro conceito (oralização), vou utilizar sinalização. Tanto a oralização como a sinalização são produzidas pelos processos mentais e mecanismos linguísticos, porém por canais distintos um do outro, que como já dito anteriormente, ora se cruzam, trabalhando em conjunto, ora separadamente.

Saussure define a língua como um sistema de regras abstratas composto por elementos significativos inter-relacionados. Bakhtin diz que língua é um sistema semiótico criado e produzido no contexto social e dialógico que liga o psiquismo à ideologia. Para Vygotsky a fala é a produção da linguagem pelo falante nos momentos de diálogo social e interior, e pode ser produzida tanto pelo canal audiofonatório como pelo espaço-visual.

A partir dessas definições é possível se concluir que a língua de sinais é produzida pelo canal viso-manual, que seu léxico é o sinal, e o signo desse sistema linguístico viso-espacial pode apresentar inúmeras possibilidades de sentidos criados no momento de suas interações, dependendo do contexto e das marcas históricas, sociais e culturais de seus utentes, tal qual acontece com as línguas orais-auditivas (GOLDFELD, 2002).

2 LÍNGUA DE SINAIS

O primeiro linguista a pesquisar a língua de sinais como sistema linguístico foi Stokoe, em 1960. Ele percebeu e comprovou que esta língua apresentava elevado nível de complexidade e que atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína. Assim fez um trabalho pioneiro ao analisar as estruturas internas dos sinais. Essa análise o levou à descoberta inicialmente de que haviam três partes independentes em sua constituição: configuração de mão (originalmente denominada *designador*); localização (originalmente denominada *tabula*); e movimento (originalmente denominado *signation*)² em analogia aos fonemas das línguas orais.

No Brasil, Lucinda Ferreira Brito foi pioneira nas pesquisas sobre a língua de sinais brasileira. Ela afirma que em nosso país há diversos sistemas linguísticos naturais, e dentre as orais-auditivas, além da Língua Portuguesa, há várias línguas indígenas, duas outras na modalidade espaço-visual, uma usada por comunidades surdas urbanas e a outra por surdos indígenas da tribo Urubu-Kaapor, da Floresta Amazônica, Kakumasu (1968) e Brito (1984).

2.1 Aspectos fonológicos da língua de sinais brasileira

As línguas de sinais usadas no território brasileiro apresentam aspectos linguísticos que afirmam seu *status* enquanto língua, mas aqui enfatizarei somente aqueles que considero relevantes para este estudo, tais como a estrutura interna dos sinais manuais suas modulações, as formas e funções dos sinais não-manuais.

Aqui apresentarei alguns exemplos de aspectos linguísticos analisados e comprovados por Stokoe, em analogia aos respectivos existentes nas línguas orais. Para tanto, tomarei alguns exemplos de pares mínimos encontrados na Língua Brasileira de Sinais (LSB). Os sinais de PERIGO e AMARELO, por exemplo, apresentam a mesma disposição de elementos constituintes em sua realização, porém se distinguem em um único elemento, o movimento. De maneira semelhante, os sinais PICOLÉ/SORVETE e SÁBADO/ APRENDER são realizados de igual modo, diferenciando-se apenas na configuração e localização, respectivamente. Isto equivale às palavras f-a-c-a e f-a-**d**-a na língua portuguesa, que têm a sua significação alterada pela substituição de um único elemento fonológico.

Os sinais se realizam a partir da combinação de seus elementos fonológicos (configuração de mão, orientação, movimentos e etc.), sendo

² Essa terminologia original, à qual Stokoe se referia por meio das formas abreviadas “des”, “tab” e “sig”, não foi adotada por outros pesquisadores.

possível alterar sua significação por meio da substituição de um desses elementos, porém quando estes se encontram dispostos isoladamente não trazem em si nenhuma significação tal qual acontece com os constituintes das palavras em português. Por meio dessa analogia, pode-se entender que tanto as línguas orais-auditivas como as espaço-visuais se utilizam da combinação de um conjunto finito de elementos em suas produções, de maneira ilimitada.



Figura 3 – Par mínimo: AMARELO/PERIGO

Fonte: Elaboração própria.



Figura 4 – Par mínimo: SORVETE/PICOLÉ

Fonte: Elaboração própria.

Outro aspecto observado por Stokoe foi a questão da linearidade e sequencialidade presentes na produção dos fonemas durante a fala nas línguas orais, enquanto que as línguas de sinais apresentam simultaneidade na produção dos fonemas. Entende-se por isso que marcações não-manuais, como movimento dos olhos, cabeça, corpo, e outros, e a utilização dos cinco parâmetros (configuração de mão, movimento, locação, etc.) são realizados ao mesmo tempo na produção do sinal.

Posteriormente a Stokoe, outros estudiosos ampliaram as descobertas linguísticas em relação à função e ao uso desses já citados parâmetros, Battison (1974) e Friedman (1975) perceberam a orientação da mão como sendo mais um parâmetro a ser levado em conta na produção dos sinais, embora este elemento estivesse presente nas descrições de Stokoe, pois ele o considerava como sendo de importância secundária. Em 1979, Klima e Bellugi identificaram questões relacionadas à dominância das mãos durante a sinalização, qualificando-as em passiva e/ou ativa, dependendo do movimento realizado por elas, outra questão pertinente são as restrições apresentadas quanto ao uso desses articuladores simultaneamente. A primeira restrição diz respeito diretamente ao papel passivo e ativo, ou seja, uma mão servindo de ponto de apoio para o gesto realizado pela outra, respectivamente, a segunda está relacionada à assimetria, que se dá quando as duas mãos são ativas e assumem a mesma configuração e movimentos especulares, é o caso dos sinais de TELEVISÃO/ NAMORAR/ TRABALHAR. Em 1989, Liddell e Johnson ampliaram o leque de informações ao destrincharem os pontos de articulação dos movimentos (punho e dedos) e informações aspectuais na realização destes. Todos esses estudiosos constataram que os parâmetros são importantes para a significação, e que a realização equivocada de um destes pode também alterar o significado do sinal, comprometendo o conteúdo do discurso.

2.2 Parâmetros fonológicos na língua de sinais brasileira

A fonética é a ciência que estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas, e tem por objetivo estabelecer um conjunto de traços ou propriedades que possam descrever todos os sons utilizados na linguagem humana. Assim, cabe a ela descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Na língua de sinais brasileira há cinco parâmetros fonológicos, no entanto a LS não usa os sons em suas produções linguísticas, mas apresenta um sistema cujas unidades mínimas são constituintes espaço-viso-motors (movimentos, configuração de mão, locação, orientação e expressões faciais e corporais) que seguem regras combinatórias para formação do sinal, neste caso, a fonética descreve os traços desses elementos.

2.2.1 Fonologia

Fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Os principais parâmetros fonológicos da língua de sinais brasileira que são objetos de estudos desta ciência são:

2.2.1.1 Configuração de mão

Segundo pesquisa realizada por Lucinda Ferreira Brito (1995), a língua de sinais brasileira apresenta 46 configurações de mãos (CM), esses dados foram coletados nas principais capitais brasileiras.



Figura 5 – Configurações de mãos

Fonte: Brito (1995).

2.2.1.2 Movimentos

O movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, e são classificados em: movimentos internos da mão, movimentos do pulso e movimentos direcionais no espaço, que podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais; a maneira refere-se aos aspectos qualitativos de tensão, velocidade; e a frequência refere-se ao número de repetições de um movimento (KLIMA; BELLUGI, 1979).

A mudança do movimento regular de um sinal pode acrescentar informações importantes em sua significação (de certo modo previsto pelas regras da língua) (BAKER; PADDEN, 1978), podendo inclusive mudar sua classe gramatical (SUPALLA; NEWPORT; METLADY, s/d). É o que acontece com alguns verbos e substantivos, observe os exemplos abaixo:



Figura 6 – Verbos e substantivos: PENTEAR e PENTE

Fonte: Elaboração própria.

O substantivo “pente” muda de classe quando é acrescido de um movimento mais alongado, tonando-se o verbo “pentear”.

2.2.1.3 Locação

A locação da Libras varia da cabeça até o abdome. A parte da enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro desse raio de alcance em que os sinais são articulados, pode ser na cabeça, rosto e tórax, ou mesmo em um espaço fora do corpo, chamado espaço neutro.

2.2.1.4 Orientação da mão

Conforme explicita Brito (1995), é a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal. A Libras tem seis tipos de orientações da palma da mão: para cima, para baixo, para corpo, para a frente, para direita ou para esquerda.

2.2.1.5 Expressões não-manuais

As expressões faciais e corporais ou expressões não-manuais são os movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco. Essas expressões possuem dois papéis na língua de sinais, marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. Elas têm a função sintática de marcar sentenças exclamativas, sim-não, interrogativas com e sem QU, orações relativas, topicalizações, concordância e foco.

2.3 Língua de sinais caseira

Após esmiuçar o assunto “língua de sinais” com o intuito de situar o leitor, focarei especificamente na língua de sinais caseiros, buscando conceituá-la, a partir de uma abordagem social e linguística, levando em conta os aspectos familiares e sociais envolvidos no processo de seu desenvolvimento, apresentando sua estrutura e função emergencial na comunicação das pessoas surdas no convívio familiar.

2.3.1 *Sinais caseiros: aspectos sociolinguísticos*

Anteriormente expliquei que os sinais caseiros (SC) fazem parte da linguagem, podendo se constituir em uma língua, por apresentar um sistema de representações abstratas comunicativas. Correa (2006 apud GOLDIM-MEADOW, 1990) diz que a criação de um sinal caseiro por um surdo constitui-se em um signo linguístico.

Segundo Tervoort (apud BEHARES; PELUSO, 1997, p. 54),

[...] os sinais caseiros constituem-se em um recurso simbólico convencional, compartilhados somente por uma mãe e uma criança, não compreensíveis pelos usuários de nenhuma das línguas utilizadas no contexto social de sua inserção.

Tais sinais substituem uma língua e têm uma estrutura semelhante a de uma, sem sê-lo exatamente.

Os sinais caseiros emergem entre familiares de pessoas surdas e são convencionados entre eles (pais ouvintes e filhos surdos). Esses sinais apresentam um caráter emergencial, no sentido de que surgem em um estado de crise comunicativa em um contexto familiar em que pais ouvintes não conhecem a língua de sinais, nem a criança surda tem conhecimento da língua oral (nesse contexto, o português) de seus pais. Os sinais emergidos nessa situação são extremamente restritos em seu repertório vocabular e podem comunicar fatos somente no momento de sua ocorrência, tornando difícil relatar acontecimentos passados e/ou assuntos que envolvam níveis de abstração. Por essa razão as informações necessárias a constituição de uma consciência cultural e de uma identidade não chegam ao surdo. Mesmo havendo precariedade na comunicação, ao utilizar-se dos sinais caseiros a família possibilita ao surdo se constituir enquanto sujeito psíquico e sustentar sua relação com seus familiares.

Do conflito comunicativo citado acima, emergem primeiramente os gestos que acrescidos de algumas variantes como tempo e necessidade passam por um processo de transformação, dando origem ao sinal caseiro propriamente dito. Leland (2008, p. 19) afirma:

[...] em algumas situações [...] não adianta saber tudo o que sabemos da nossa língua. Às vezes, para nos comunicarmos com alguém, não adianta saber muitas palavras ou entender bem como usar a gramática da língua. São casos em que estamos tentando nos comunicar com alguém que não conhece a nossa língua.

Esses sinais podem ser icônicos ou não, isto vai depender do ambiente em que a família está inserida, isto é, da representação viso-manual de suas experiências. Por exemplo, se forem pescadores, os sinais caseiros que emergem podem ser relacionados aos frutos do mar, areia, barraca e outros; numa família da zona rural, eles podem ser relacionados a boi, vaca, leite e assim por diante. Isto também acontece com familiares de surdos que moram na zona urbana, cujo filho e/ou os pais não tiveram contato com a comunidade surda utente da língua de sinais oficial. Esses sinais não são repassados de geração a geração, eles surgem motivados pela necessidade comunicativa existente entre os membros da família, são compartilhados por um número restrito de pessoas (mais especificamente, membros de uma mesma família) e não são convencionados na comunidade surda de um modo geral.

É comum em alguns casos a permanência do uso dos sinais caseiros por parte dos pais dos surdos, mesmo depois de estabelecerem contato com a língua de sinal oficial, por questões de aceitação ou de dificuldades de assimilação.

A criação de um sistema gestual primário ou caseiro evidencia que os elementos gestuais podem ser usados isoladamente para expressar experiências reais da vida dos indivíduos. Como seres humanos, todos temos capacidades inatas que nos possibilitam produzir um discurso sem reflexão ou consciência da complexidade das regras internas que são utilizadas nessa produção. Correa (2006, p. 68) explica o seguinte:

A semântica constitui-se na interpretação de suas ações pelas próprias crianças; é o significado que ela atribui ao significante. Essa possibilidade é segundo Piaget, derivada da sintaxe (lógicas das ações) e das noções espaços-temporais e causais.

2.3.2 Período pré-linguístico

A linguagem humana é permeada de gestos que variam da especificação mínima à ordem simbólica (vocalizações, balbucio manuais e vocais). Desde o período pré-lingual (do nascimento até aos 14 meses de idade) produzimos gestos fônicos ou manuais que auxiliam em nossas interações.

A criança aproximadamente aos 12 meses inicia a aquisição da linguagem, mas anterior a este período ela já se utiliza de gestos, os quais constituem para ela um dos primeiros processos simbólicos, critérios válidos tanto para crianças ouvintes como para surdas. Esses acompanham o balbucio até aos 10 meses de idade, período em que o balbucio não apresenta significação linguística. Aproximadamente nesta idade os bebês começam a distinguir os sons relacionados ao *input* linguístico a que estão expostos. A partir daí os bebês ouvintes diminuem a gesticulação e os surdos cessam as vocalizações. Os bebês baseiam-se em várias fontes de informações específicas de linguagem para iniciar o processo de aprendizagem do léxico da sua língua nativa, seja ele sinalizado ou oralizado (ALBANO, 2001).

Observe que quando a criança levanta os braços ou aponta para algo que deseja, seus interlocutores compreendem o significado e se prontificam a atendê-la, isto representa uma forma legítima de comunicação. De acordo com Piaget (1996, p. 421):

O aparecimento da imagem mental situa-se perfeitamente verossímil, na época da constituição da função simbólica (ou semiótica) por volta de um ano e meio a dois anos, pelo menos se nos ativermos ao critério negativo de que nenhuma das condutas sensorio-motoras anteriores a este nível exige a intervenção da imagem enquanto que esta é indispensável à brincadeira simbólica e outros comportamentos representativos, que estão aparentes.

O uso dos gestos é comum nos surdos e ouvintes, pois ambos os produzem e os interpretam, embora não se deem conta dos inúmeros movimentos que fazem ao conversar com outros indivíduos. Esses movimentos, ou gestos, podem ser culturalmente reconhecidos pelos interlocutores e ter significado e reconhecimento social. Outra forma de gestos são os que envolvem as expressões faciais, estes trazem informações que ajudam a perceber os sentimentos e estados emocionais dos interlocutores.

As crianças surdas que nascem em famílias de ouvintes que não conhecem a língua de sinais passam pelos mesmos processos de gesticulação iniciado na fase anteriormente citada, porém em condições desfavoráveis à aquisição linguística; os gestos tornam-se o elo comunicativo da família.

Mas, afinal, como perceber quando um surdo utiliza gesto? Já que em se tratando de ouvintes é bem mais fácil identificar?

Como explica Slobin (1979), tratando-se de crianças surdas, elas utilizam a apontação para indicar os referentes ou podem atribuir a conotação de posse ao apontar um objeto. Se a criança aponta um vestido, ela pode estar indicando que pertence a sua mãe, e não propriamente estar mostrando o vestido, todavia, ambos os casos mostram que o apontamento está relacionado a um referente. Um outro aspecto presente na gestualidade é o uso da apontamento em combinação com o olhar, ao que chamamos de sinalização direcional dupla, isto acontece porque a criança deseja estabelecer contato com os que a cerca, por exemplo, quando uma criança olha para o um objeto e, em seguida, para sua mãe, ela pode estar informando que deseja o objeto.

Ao gesticular, os surdos adultos utilizam movimentos repetidos e alongados seguidos por movimentos corporais que extrapolam os limites do espaço visuo-espacial (RECTOR; TRINTA, 1990).

Na tentativa de fazer uma classificação tipológica dos gestos usados pelos surdos, Mcnell (2000):

Quadro 1 – Tipologias dos Gestos

GESTOS
Icônicos
Metafóricos
Dêiticos
beat

Fonte: Correa (2007).

- Os gestos icônicos são representados por movimentos corporais que tipificam objetos ou pessoas situados no espaço neutro, e são produzidos no momento das conversações;

- Os gestos metafóricos são produzidos para indicar mudanças contínuas ou discretas das representações mentais de um adulto no momento em que resolve um problema;
- Os gestos dêiticos são usados para indicar objetos, pessoas e locações no mundo real. Os referentes apontados nem sempre estarão presentes, essa estratégia referencial pode ser comparada com os determinantes em línguas orais e ao LOCI, ou seja, o ponto referencial estabelecido no espaço que determina a concordância de pessoa, verbo e objeto, presentes na LS;
- Os gestos beat, são traduzidos como rítmicos e são empregados com a pulsação rítmica do discurso. São movimentos curtos e rápidos, tipicamente realizados na periferia do espaço gestual.

No entanto, o Quadro 1 excluiu os gestos classificados por Efron (1941), como emblemáticos, ilustradores, reguladores e adaptadores.

- Os emblemáticos são os substitutos culturais ou pessoais, ou seja, substitutos para expressões verbais. São exemplos desses, todos os gestos para os quais determinadas culturas dão significação, como por exemplos, o gesto **positivo** usado no Brasil, como mostra a figura a baixo:



Figura 7 – Positivo.

Fonte: Elaboração própria.

- Os ilustradores são descrições cinésicas de objetos, pessoas e ideias. Temos como exemplo o pescador que mostra o tamanho do peixe que pescou. Esses gestos se encaixam na definição icônica de McNeill, citados no Quadro 1.
- Os reguladores são comportamentos verbais, paralinguísticos, cinésicos e/ou proxêmicos, que tomam o lugar de hesitação e atuam como substitutos ou sinais de retroalimentação, como meneios de cabeça do interlocutor, informando que a comunicação está sendo compreendida.

Os adaptadores são manifestações cinésicas ou de contato com o próprio corpo. São informações não conscientes que se apresentam em situações

estressantes, por exemplo. O agitar das pernas é um desses gestos, e pode indicar nervosismo. Esses parecem exercer a função dos gestos rítmicos descritos por McNeill (1992). Efron (1941) também relata as manifestações afetivas que são exteriorizadas por meio de emoções básicas, em diferentes épocas e culturas. Nem sempre os gestos são intencionais, mas podem informar o estado emocional de uma pessoa como: alegria, tristeza, surpresa e outros, como no caso das expressões faciais. Na LS as expressões faciais têm função também gramatical, como componente sintático e morfológico; apesar desse elemento informacional a mais a criança surda consegue distinguir informações afetivas das gramaticais (SNITZER, 1990 apud CORREA, 2007).

2.3.3 Sinais caseiros: aspectos linguísticos

Os gestos, como dito anteriormente, ganham estrutura a partir da relação de iconicidade com o ambiente da experiência dos sujeitos surdos, de seu uso compartilhado e de sua convencionalidade. Por serem compartilhados e convencionados em um pequeno grupo social (familiares e vizinhos) ganham *status* de sinais caseiros, sua forma de representação pode apresentar diferenças e semelhanças de uma família para outra em um mesmo contexto situacional. Segundo Yau (1992) e Fusellier (1999) esses sinais podem apresentar formas semelhantes na produção, mesmo que esses surdos convivam em ambientes familiares distintos quando os referentes são estáveis.

Um aspecto importante a ser observado nos SC em analogia às LS oficiais é em relação ao parâmetro da localização das línguas de sinais, em ambas o corpo se constitui como um componente formacional do sinal caseiro, isto é, os sinais icônicos que são ancorados no corpo elege a parte do corpo que corresponde a sua participação no evento, ou seja o mapeamento corporal da realização do sinal relaciona forma com significado, como por exemplo os sinais de COMER e FALAR, tem a boca como ponto de articulação, FELIZ e AMAR realizados no peito e assim por diante, como no quadro abaixo:

Quadro 2 – Mapeamento Corporal

1. Verbos psicológicos (Localção: peito)	2. Verbos de atividades mentais (Localção: têmporas e testa)	3. Verbos de percepção (Localção: órgãos de sentidos)	4. Verbos que indicam a fala (Localção: boca)	5. Verbos de mudança de estado (Localção: rosto, peito, olhos)
FELIZ	SABER	VER	FALAR	CORAR
AMAR	LEMBRAR	OLHAR	DIZER	MELHORAR

SOFRER	ESQUECER	OUVIR	PERGUNTAR	ACORDAR
CHATEADO	APRENDER	ESCUTAR	RESPONDER	
ESTAR CHATEADO COM	PREOCUPAR	CHEIRAR	EXPLICAR	
MACHUCAR	PENSAR		GRITAR	
	SONHAR		SUSSURRAR	

Fonte: Adaptado de Quadros e Vasconcelos (2006).

É importante lembrar que o número de SC é bem mais restrito em relação aos que são produzidos nas LS oficiais, visto que sua produção a nível de abstração é bem mais restrita (discutir relações de causa e efeito, questões políticas, morais e éticas, ou qualquer outro argumento existente somente no campo das ideias, é bem mais difícil) e a quantidade de pessoas a usá-la também, em contrapartida o nível de iconicidade é bastante acentuado nos SC, sendo este um recurso da modalidade visual-gestual que resulta da associação motivada entre forma e objeto oferece maior oportunidade para esse tipo de produção.

Esse potencial icônico oportuniza à criança filha de pais ouvintes, inventar gestos/sinais caseiros pra estabelecer comunicação com seus pais não-sinalizantes, todavia, conforme Goldin-Meadow (2003), o fato desses sinais se tornarem convencionados lhes atribui um caráter arbitrário ainda que não completamente, por causa de sua relação motivacional. A iconicidade tem um papel fundamental na inovação realizada pela criança surda com o sistema caseiro de sinais e podem evoluir independentemente até chegar a sinais que compartilham o mesmo ícone para representar o mesmo conceito nas LS (KLIMA; BELLUGI, 1979). Desta forma, entendo que, ainda que a presença da iconicidade nos SC seja evidenciada, não significa que não haja arbitrariedade, a convencionalidade existe, mesmo que compartilhada por uma pequena comunidade (família), e a sua relação motivacional pode desaparecer com o passar do tempo, permanecendo o uso do mesmo signo, como acontece nas línguas orais. Por exemplo, o sinal caseiro para “café”, cuja motivação tem origem no pano usado para coar o café, embora esse referencial tenha ganhado formas diferentes ao longo do tempo, continua sendo utilizado por utentes dessa língua referenciando sua forma primária.

3 METODOLOGIA

3.1 Coleta de dados

A pesquisa inicialmente se deu por meio de levantamento bibliográfico, de forma a obter qualitativamente as informações sobre o assunto investigado. Foi necessário levar ao leitor um conhecimento prévio dos termos e conceitos aqui referidos, para situá-lo quanto à questão central deste trabalho, os sinais caseiros. Para tanto, tomei por base fontes literárias como livros, revistas especializadas no assunto, teses de doutorado, entre outros. Em um segundo momento da pesquisa, realizei coletas de informações por meio de questionários, entrevistas, filmagens de produções dialógicas espontâneas por parte dos sujeitos pesquisados no uso dos sinais caseiros.

3.2 Abordagem da pesquisa

A presente pesquisa aborda de forma qualitativa estudos de casos buscando investigar o uso de sinais caseiros (SC) por surdos em condições de isolamento linguístico, compreendendo esses sinais como constituintes de um sistema comunicativo com a mesma função linguística das línguas oficiais, capaz de preservar o processo de cognição e manter os laços afetivos da família.

Esse estudo também apresenta um caráter explanatório do tipo bibliográfico, que de acordo com Mattar (1996, p. 18):

[...] proporciona ao pesquisador um maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva. Este tipo de pesquisa é apropriado para os primeiros estágios da investigação quando a familiaridade, o conhecimento e a compreensão do fenômeno por parte do pesquisador são, geralmente, poucos ou inexistentes.

Antes de iniciar o relato da pesquisa de campo, propriamente, se faz necessário informar ao leitor quanto a alguns aspectos dos sujeitos colaboradores que foram em número de três, todos residentes em municípios do Estado do Ceará, distantes da capital, a saber: Caucaia e Paraipaba a 16,5 km e 90 km, respectivamente. Dois dos colaboradores (Coqueiro e Macaxeira) residem em Paraipaba e já foram vizinhos. Atualmente moram um pouco distante um do outro, mas ainda mantém contato entre si. Eles nunca tiveram contato com surdos utentes da Libras, e assim, criaram e compartilharam gestos para se comunicarem entre si e com seus familiares.

Tapioqueiro reside na cidade de Caucaia, mora sozinho, foi aluno do EJA na Escola Corália Gonzaga. Esse tem conhecimento da Libras por que fui

sua professora de Libras nessa escola. Atualmente ele cursa o ensino médio em outra escola da rede municipal da Caucaia, em sala de aula inclusiva. Seus professores atuais são ouvintes sem domínio da Libras e não há interpretes em sua sala de aula. Tapioqueiro usa sinais caseiros, mesclando-os com a Libras quando está na presença de usuário da Libras. Em seu local de residência, quando na companhia de parentes e amigos ele usa puramente os sinais caseiros.

A escolha pelos surdos do município de Paraipaba se deu em função do conhecimento prévio que eu tinha do local. Meus pais mantêm vínculos comerciais nessa cidade e minha mãe tem um sítio nessa localidade, os acompanho em algumas viagens para lá. Dessa forma, sabia que ali havia surdos que não participavam de associações nem frequentavam escolas especiais, pois essas são instituições inexistentes nessa localidade. O problema era então achá-los. Assim, perguntei a alguns dos moradores da região, informando-os que eu estava procurando pessoas surdas. Não foi difícil encontrá-los, muitos os conheciam e me informaram seus endereços. Antes de encontrá-los busquei também informações quanto aos aspectos sociais e de seu relacionamento familiar, para facilitar minha abordagem. Sendo uma cidade pequena, tais informações foram fáceis de obter.

Quanto ao surdo que residia na cidade de Caucaia, sua escolha se deu em função de ter sido sua professora e conhecer sua realidade. Sabia que ele morava sozinho e que não tinha renda fixa. A escola em que trabalhei e em que o tive como aluno, como já disse anteriormente, ficava situada naquela região.

Nossos informantes foram visitados duas vezes. A primeira visita teve como objetivo estabelecer contato, esclarecer o objetivo da pesquisa e colher as autorizações necessárias à gravação dos vídeos. A segunda se destinou ao preenchimento dos questionários e gravação dos vídeos.

Os questionários foram previamente elaborados com perguntas de cunho pessoal, com a finalidade de tomar conhecimento quanto às questões socioeconômicas, educacionais e linguísticas (se havia contato de nossos informantes com outros surdos sinalizantes).

Os diálogos gravados para análise foram conversas entre os surdos pesquisados e seus familiares, com exceção de Macaxeira, cujo diálogo foi com Coqueiro. Isso se deu por que além de seus pais serem já de idade avançada, tinham dificuldades de entender o objetivo de minha pesquisa. Por isso pensei ser interessante que a conversa se desse entre os dois utentes dos sinais caseiros, pela riqueza de informações contidas na sinalização de ambos.

Fiz as visitas acompanhada por Izaete Vieira, intérprete da Libras, que me acompanhou em todas as fases da pesquisa. Ela possibilitou meu diálogo com os familiares dos surdos colaboradores, o preenchimento dos questionários e o registro gráfico de todo o meu trabalho. É importante

esclarecer que em alguns momentos os familiares desses surdos eram quem faziam a tradução para mim, pois os sinais usados por eles eram de conhecimento apenas de seu grupo familiar. Um exemplo disso foi a gravação do diálogo de Coqueiro com sua mãe. Ela traduziu todo o diálogo e a intérprete o repassou em Libras para mim. Após tomar conhecimento dos significados dos sinais caseiros, por meio da tradução da mãe de Coqueiro, foi possível continuar o trabalho em contato direto com ele.

3.3 Instrumentos da pesquisa

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados na presente pesquisa, câmera digital e *webcam* para captura dos diálogos, além de questionários para obter informações de cunho pessoal e educacional dos investigados. A seguir, o detalhamento do uso e função desses instrumentos.

3.3.1 Questionários

O questionário é um instrumento bastante usado para coleta de dados. Embora minha pesquisa trate de sinais caseiros, que tem um caráter viso-espacial, recorri a uma forma de registro escrito na língua portuguesa para coletar alguns dados que considerava importante.

O uso do questionário teve como finalidade colher informações pessoais dos informantes relacionadas às questões educacionais, familiares e sociais. O fato de que o SC é considerada uma forma de expressão limitada e sua representação icônica, segundo Cuxac (2000), é bastante acentuada, algumas perguntas de nível abstrato se tornavam difíceis de serem feitas diretamente aos informantes. Por isso optamos por esse instrumento, porque as perguntas poderiam também serem respondidas por seus familiares.

3.3.2 Câmera

Sendo a LSC uma língua produzida pelas mãos e percebida pela visão, foi importantíssimo o registro de imagens para análise dos dados objetivados no presente trabalho. Assim, foram observados a partir das imagens coletadas as glosas presentes nos diálogos, e os parâmetros da LS que também se fazem presentes na LSC. Difícilmente tais características poderiam ser registradas por meio da língua portuguesa escrita.

3.3.3 Procedimento

A coleta de dados foi realizada em única sessão com cada entrevistado, em janeiro de 2010; o primeiro, Tapioqueiro, na companhia de sua mãe como interlocutora em diálogo espontâneo, em que abordaram assuntos corriqueiros do seu dia a dia, a sessão teve duração de 20 minutos.

Os diálogos foram capturados com uma *webcam*, e as conversas tiveram intervenções em alguns momentos com traduções de frases ou glosas, para manter fluxo e o direcionamento dos diálogos. Em seguida, se deu a aplicação do questionário. O mesmo procedimento foi feito com Coqueiro: sua visita durou aproximadamente 10 minutos e sua interlocutora foi sua mãe, nesta também houve intervenção quanto ao assunto, porque se sentiram intimidados pela câmera. Nessa visita, além da *webcam*, foi utilizada uma câmera digital para garantir o resguardo do material coletado.

A sessão realizada com a Macaxeira foi dividida em dois momentos: a princípio em um diálogo com o Coqueiro, com duração de 10 minutos, e em seguida com seus pais, que nos ajudaram no preenchimento dos questionários.

3.4 Perfil dos sujeitos

A pesquisa foi realizada com três sujeitos surdos em situação de isolamento linguístico, sendo um da localidade de Sítio Novos, município de Caucaia e os outros dois de Paraipaba – ambas as localidades pertencentes à região metropolitana de Fortaleza.

Neste trabalho os sujeitos pesquisados receberam os codinomes de Tapioqueiro, Coqueiro e Macaxeira, respectivamente, por estes serem elementos comuns às localidades em que residem. Suas identidades foram preservados para não gerar nenhum tipo de constrangimento ou preconceito.

3.4.1 Perfil de Tapioqueiro

Tapioqueiro perdeu a audição gradativamente até os 3 anos de idade, passou sua infância e juventude morando com os avós, hoje já falecidos. Atualmente mora sozinho em uma casa simples à beira de um canal, próximo da casa de sua mãe, e estuda na Escola Municipal de Caucaia Corália Gonzaga Sales, em uma sala inclusiva com a presença de um intérprete; por essa razão mescla SC com Libras, utiliza também em sua comunicação o português escrito como língua de apoio, bem como o alfabeto manual. Sua primeira experiência escolar foi na Fundação Perpétua Magalhães (FUNPEM), uma escola especial que atende crianças com deficiência, contudo não tinha em seu quadro funcionários conhecedores da Libras. Teve como única experiência

laboral remunerada o trabalho em uma fábrica de tijolos, por 6 meses. É bastante conhecido em sua localidade, goza da amizade de vários amigos ouvintes, porém não citou nenhum amigo ou parente surdo da mesma localidade durante a entrevista.

3.4.2 Perfil de Coqueiro

Coqueiro nasceu surdo, reside em Paraipaba com a mãe e duas irmãs, estudou até o 5º ano do ensino fundamental, relatou que não gostava da escola por se sentir único em sua diferença, por isso parou de frequentá-la. Tem muitos amigos, entre eles surdos e ouvintes; apontou como principal lazer a ida à praça central de sua cidade para encontrar outros surdos, e festas dançantes. É aposentado, porém seu dinheiro é administrado pela sua mãe que o usa para auxiliar na manutenção da casa e da família. Coqueiro tem uma relação de extrema dependência de sua mãe no que tange à realização de tarefas, inclusive em sua própria alimentação. Sua mãe relatou que ele não põe sua comida no prato, podendo passar um dia inteiro sem comer se ela não estiver presente para servi-lo; a única atividade que realiza é a lavagem de sua roupa.

3.4.3 Perfil de Macaxeira

Macaxeira é surda de nascença, sua experiência escolar parou no 1º ano do ensino fundamental; tem 44 anos de idade é separada, seu ex-marido é ouvinte e tem 2 filhos (um menino e uma menina); recebe benefício do governo (aposentadoria) e atualmente mora com os filhos e os pais. Macaxeira usou aparelho auditivo quando criança e frequentou a fonoterapia, por isso emite sons silábicos compreensíveis em português; nunca participou de associações de surdos, mas tem contato com outros surdos da família (residentes de localidade próxima da sua) e amigos de sua própria cidade. Ela participa de grupos sociais como igreja e reuniões na praça central da cidade.

O quadro abaixo apresentará um resumo biográfico dos sujeitos pesquisados utentes da língua de sinais caseiros (LSC):

Quadro 3 – Perfil dos sinalizantes

INDIVÍDUOS	Tapioqueiro	Coqueiro	Macaxeira
CIDADE	Sítio Novos (Caucaia)	Paraipaba	Paraipaba
SEXO	Masculino	Masculino	Feminino
IDADE	42 anos	22 anos	44 anos
ESCOLARIDADE	1º ano do ensino médio (cursando)	Ensino fundamental (incompleto)	Ensino fundamental (incompleto)
PROFISSÃO	Estudante	Nenhuma	Doméstica
INTERLOCUTOR	Mãe	Mãe	Mãe

Fonte: Elaboração própria.

3.5 Aplicação metodológica

Este estudo tem como referencial metodológico o trabalho de Fusellier (2004) em que realiza uma análise descritiva do léxico.

Para coleta dos dados, visitei os sujeitos já mencionados anteriormente, munida de câmera de vídeo e questionários para fazer o registro dos SC usados em sua comunicação com seus familiares. Esses recursos foram utilizados com o objetivo de registrar por meio de filmagens e preenchimento dos referidos questionários, suas produções gestuais e informações pessoais. Também tentei registrar os diálogos sinalizados de forma mais espontânea possível, fazendo intervenções por meio de indagações somente quando necessário à fluidez do diálogo. Durante todo o processo de investigação fui acompanhada por uma profissional intérprete de Libras que me auxiliou na comunicação com os familiares dos surdos em questão.

Não achei importante apresentar aqui o exame audiométrico para comprovação do grau de surdez dos indivíduos, visto que poderia se configurar como um fator complicador, pois dos três, a única que teve contato com fonoaudiólogo, foi Macaxeira, quando pequena, os outros dois tiveram sua surdez constatada pela família por meio das evidências percebidas na convivência, além do que este exame não se constitui em um dado fundamental para essa pesquisa.

No realizar das entrevistas percebi que não houve estímulo por parte dos familiares para o desenvolvimento da língua oral dos sujeitos, exceto no caso de Macaxeira que emite sons silábicos compreensíveis ao se comunicar.

3.6 Transcrição

3.6.1 A história da transcrição

Anteriormente nos trabalhos de transcrição de vídeos eram utilizadas as gravações em vídeo VHS, e anotações manuais das imagens contidas no filme, em que se anotavam os sinais, isto é, em se tratando de LS, no papel. Nos casos de difícil transcrição era usada a pausa e a repetição quantas vezes fossem necessárias.

Além de ser um trabalho exaustivo perdia-se muito tempo. Com o avanço da tecnologia e a descoberta de novos sistemas de transcrição, adotei o ELAN por considerar que sua praticidade e eficácia atenderia minhas necessidades.

3.7 Banco de dados

Os bancos de dados normalmente são realizados de forma longitudinal podendo levar anos para sua completude.

Como esta pesquisa não tem um caráter longitudinal, ela se deu por meio de coleta realizada por meio de registros de produção espontânea, registrada em única sessão em períodos que variaram entre 10 e 20 minutos, somando um total de 40 minutos de registros semióticos.

3.7.1 Da transcrição da sessão

A transcrição foi feita por mim com ajuda de intérprete da Libras, pois esta deve ser feita por pessoa fluente em ambas as línguas (fonte e alvo), em nosso caso a LSC e a língua portuguesa (LP), respectivamente, embora seja utente da Libras os registros serão transcritos em Português pelo fato de que a escrita de sinais ainda se constitui para mim objeto de estudo, não tendo ainda me apropriado dela. Ao iniciar minha investigação observei aspectos como, idade, cidade em que reside e outras informações de cunho pessoal.

Como pesquisadora, devo levar em conta as convenções da transcrição da LS para a LP, por isso a necessidade de ter junto a mim uma intérprete da Libras durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

Seguem abaixo os exemplos das transcrições das glosas de sinais para o português

1. Palavras: casa (LP) – CASA (LS) no caso de realização do sinal, e C-A-S-A, quando feito em datilologia;
2. Apontação: IX < > ;
3. Informações não compreendidas: (XXX);

4. Dúvidas: (YYY).

Marcas não-manuais de negação podem ser alinhadas simultaneamente com os sinais manuais, como o balançar de cabeça ou do dedo negativamente. Uma observação importante, é quanto à complexidade que envolve a transcrição dos verbos, por apresentarem diferentes comportamentos podem ser confundidos, por isso sua transcrição necessita do acompanhamento de outras marcas (marcas não-manuais, esclarecimento quanto à realização do movimento e outras), para evitar confusão de significados.

3.8 Programa ELAN

A análise dos dados foi feita pelo ELAN, um manual linguístico da versão 2.4 de *EUDICO Linguistic Annotator* (ELAN), atualizado em 18 de março de 2005 às 15h12. Uma versão original mais antiga do autor pode ser baixada pela internet³. Hoje o programa está mais atualizado, na versão 3.8, e com uso mais facilitado e prático; continua a ser atualizado.

O programa ELAN se apresenta como uma possibilidade de pesquisa e estudo na identificação do léxico da LSC, neste caso em específico. Contém uma variedade de conteúdos, que funcionam como base de dados, disponíveis a estudiosos e pesquisadores.

Comparando com o método anterior utilizado foi grande o avanço obtido, graças aos meios tecnológicos existentes.

³ Disponível em: <<http://www.mpi.nl/tools>>. Autor original: Birgit Hellwig; atualizado para a versão 2.x Dieter Camionete Uytvanck.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para realizar a análise dos dados colhidos na pesquisa e capturados em vídeos pelo sistema de transcrição já mencionado anteriormente, se fez necessário as transcrições dos diálogos em língua de sinais caseiros para o português, a fim de observar as glosas produzidas pelos utentes dos SC.

Transcrição do diálogo de Coqueiro e seus interlocutores

MÃE – Tá com fome, né?

COQUEIRO – EU ESPERAR ELA, ELA LAVAR ROUPA.

MÃE – Ele tá falando que eu fui lavar roupas, voltei pra fazer o almoço.

COQUEIRO – ELA FALAR EU FICAR AQUI.

MÃE – Ei! Tu vai lá pra (intercalou fala com sinais), hoje?

COQUEIRO – SIM (aceno de cabeça).

MÃE – Vai!? (fala intercalada com o sinal de “DORMIR e VOVÔ”).

COQUEIRO – DEPOIS DORMIR LÁ, CASA.

COQUEIRO – IR CASA DO VOVÔ DORMIR, DEPOIS COMER.

PESQUISADOR – Vai pra casa da avó dele dormir?

MÃE – É... o velho gosta muito dele.

PESQUISADOR – EU CASA DELA, MULHER, CARRO IR, HOMEM NÃO SEPARADO.

PESQUISADOR – Ah! Separou-se do marido?

COQUEIRO – CASA, IR, PRAÇA MUITAS PESSOAS.

MÃE – Antes de você ir dormir lá, você vai cortar o cabelo porque tá muito feio.

COQUEIRO – SIM (aceno de cabeça).

PESQUISADOR – Como é que você faz “FEIO” ? (fala intercalada com sinal).

MÃE – Assim (realiza o sinal).

COQUEIRO – BANCO, SENTAR, PRAÇA MUITA GENTE LÁ.

COQUEIRO – LÁ NA PRAÇA COM OS AMIGOS...

COQUEIRO – DEPOIS LÁ MUITAS PESSOAS DANÇAR CARNAVAL.

MÃE – Carnaval.

PESQUISADOR – Esse é CARNAVAL? (Mostra o branco da parede).

MÃE – É aquele pó!

PESQUISADOR – É... aquele pó!

COQUEIRO – JUNTO CASA MULHER HOMEM.

MÃE – Tu já... (fala intercalada com sinais, “R\$ 10,00, QUANTO?”).

COQUEIRO – DINHEIRO CONTAR ENTREGAR.

MÃE – Quanto? Dez reais?

COQUEIRO – DEZ REAIS?

MÃE – Tu quer que eu te dê?

COQUEIRO – VOCÊ ME DAR DINHEIRO VERMELHO. (DEZ REAIS).

PESQUISADOR – Ah! A nota vermelha, não é?

MÃE – Você gosta do seu pai?

COQUEIRO – NÃO (aceno com a cabeça).

MÃE – Gosta não, do pai dele.

MÃE – Porque... (“BEBE”, fala intercalada com sinal).

COQUEIRO – Mais ou menos.

COQUEIRO – ESCOLA MUITO TEMPO EU NÃO VOU, ACABOU.

MÃE – A escola, há muito tempo ele deixou.

MÃE – O que eu posso perguntar pra ele?

PESQUISADOR – Pergunta se ele gosta da escola, se ele quer voltar pra escola.

MÃE – Você quer voltar a estudar?

COQUEIRO – ESCOLA, ESTUDAR VOU.

MÃE – Você gosta da escola?

COQUEIRO – MAIS OU MENOS.

PESQUISADOR – Na escola dele tem outras pessoas surdas?

MÃE – Não.

COQUEIRO – NÃO, EU SOZINHO.

PESQUISADOR – Só ele!?

COQUEIRO – ESCOLA, SÓ EU ANDAR, FALAR AMIGO DEPOIS IR IGREJA, PESSOA FALAR MICROFONE, LÁ IGREJA.

COQUEIRO – DEPOIS MISSA TERMINAR, VOU FESTA DANÇAR, VOU PRAÇA.

PESQUISADOR – Quando anoitece ele vai pra praça.

COQUEIRO – EU E O... (sinal pessoal), JUNTOS NÃO.

PESQUISADOR – É uma pessoa (se referindo ao sinal feito por Coqueiro).

MÃE – É uma pessoa, quem é?

COQUEIRO – É (sinal pessoal) MORA ALI.

PESQUISADOR – É uma pessoa! Você não gosta?

COQUEIRO – NÃO GOSTAR, NÃO.

COQUEIRO – RAIVA.

PESQUISADOR – Tá com raiva...

COQUEIRO – EU FALAR, AMIGO MORAR LÁ. EU SÓ FALAR NAMORAR NÃO PORQUE TRAIR.

MÃE – Disse que não vai namorar porque leva chifre.

PESQUISADOR – Já namorou?

COQUEIRO – ACABAR.

PESQUISADOR – Ele tá falando que já namorou.

COQUEIRO – MULHER MORAR ALI, DEPOIS DORMIR CASA VOVÔ, CONVERSAR AMIGOS.

MÃE – Ei! Quando tu vai dormir lá, só tu e... (fala intercalada com sinal VELHA) velhinha?

COQUEIRO – TER DUAS MULHER (sinal mostrando estaturas diferentes), DORMIR QUARTO MESMO, CAMA AQUI, CAMA LÁ (referenciais estabelecidos no espaço para demonstrar a posição dos objetos expostos no quarto)

MÃE – Você come muito lá?

COQUEIRO – COMO BOLO, FRANGO, BEBO, TUDO.

COQUEIRO – PRAIA LÁ NÃO GOSTO.

MÃE – Ele não gosta de ir à praia.

COQUEIRO – PRAIA COÇAR.

MÃE – Só gosta de televisão.

COQUEIRO – EU SÓ CASA ASSISTIR TELEVISÃO DEPOIS TARDE VOU DORMIR, DE MANHÃ ACORDAR ESCOVAR DENTE, NÃO ASSISTIR TELEVISÃO, IR ANDAR ATÉ CASA LÁ DORMIR AMANHECER VOLTAR. PRAÇA CONVERSAR.

COQUEIRO – CONVERSAR TODOS, IR LÁ FESTA, EU NÃO.

COQUEIRO – ELA DEIXAR NÓS AQUI, IR SÓ FESTA, NÃO QUERO SABER. EU FICAR CASA, PESSOAS TROCAR ROUPA IR ÔNIBUS, DEPOIS ÔNIBUS DEMORAR VOLTAR.

MÃE – Ele tá dizendo que quando tem festa, às vezes, o ônibus vem, ele fica, ele não gosta.

MÃE – Ei, você quer que seu pai volte?

COQUEIRO – EU SÓ, HOMEM UM.

MÃE – Ele só quer ele de homem em casa.

MÃE – Como ele fazia quando bebia? Batia?

COQUEIRO – SÓ QUERO EU HOMEM EM CASA.

COQUEIRO – EU CARTÃO DINHEIRO, PAI AQUI NÃO.

MÃE – Ele tá dizendo que precisa do pai dele porque ele tem o dinheiro dele.

PESQUISADOR – É o cartão (se ferindo ao sinal realizado).

COQUEIRO – COMPRO ROUPAS, SABONETE, SHAMPOO, PASTA DE DENTE E PERFUME.

COQUEIRO – SÓ UM HOMEM, EU DORMIR SEPARADO.

MÃE – O sonho dele é morar numa casa sozinho.

COQUEIRO – PEGAR DINHEIRO ELA IR.

PESQUISADOR – Pega o dinheiro contigo (mãe) pra poder ir às compras.

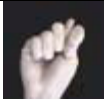

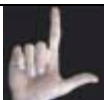


PESQUISADOR – EU SÓ, LÁ MULHER SURDA GORDA.

Dos diálogos acima, retirei alguns SC que utilizarei na análise dos dados. Para melhor compreensão das descrições e análises realizadas na

sinalização dos sujeitos pesquisados, referentes aos parâmetros fonológicos nos SC (configuração de mão, movimento, expressões não manuais, orientação e ponto de articulação), em analogia aos mesmos parâmetros encontrados na Libras.

O quadro abaixo servirá como auxílio na análise comparativa do parâmetro da configuração de mão existente nos sinais caseiros e na Libras, apresentando as 63 configurações de mão presentes na Libras:

Quadro 4 – Configurações de mão

						
CM 1	CM 2	CM 3	CM 4	CM 5	CM 6	CM 7
						
CM 8	CM 9	CM 10	CM 11	CM 12	CM 13	CM 14
						
CM 15	CM 16	CM 17	CM 18	CM 19	CM 20	CM 21
						
CM 22	CM 23	CM 24	CM 25	CM 26	CM 27	CM 28
						
CM 29	CM 30	CM 31	CM 32	CM 33	CM 34	CM 35
						
CM 36	CM 37	CM 38	CM 39	CM 40	CM 41	CM 42
						
CM 43	CM 44	CM 45	CM 46	CM 47	CM 48	CM 49
						
CM 50	CM 51	CM 52	CM 53	CM 54	CM 55	CM 56
						
CM 57	CM 58	CM 59	CM 60	CM 61	CM 62	CM 63

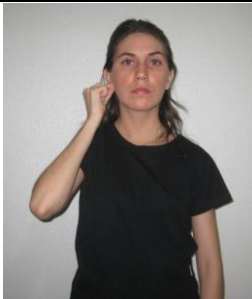
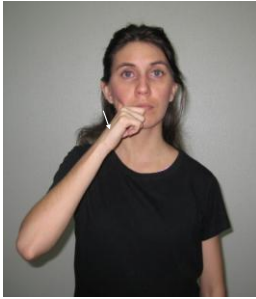
Fonte: <http://images.google.com.br/imgres>

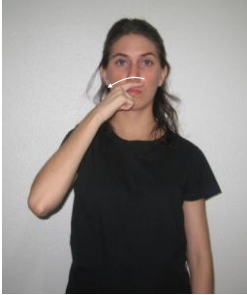
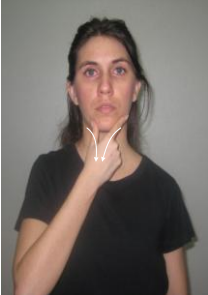

Estas configurações retiradas do endereço eletrônico supracitado foram escolhidas em virtude de sua organização numérica, que favorece a citação individual das configurações, quando necessário, e de sua nitidez.


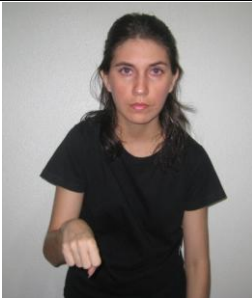
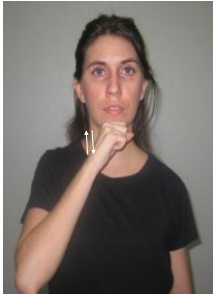
4.1 Análise das configurações de mão


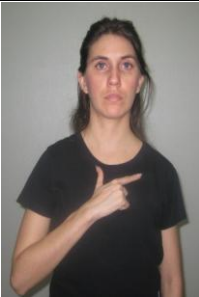
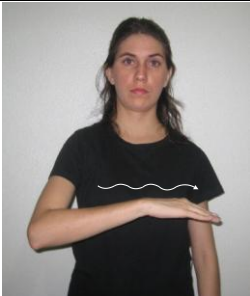
Nos quadros que se seguem, trago uma descrição dos sinais caseiros produzidos pelos informantes da pesquisa.

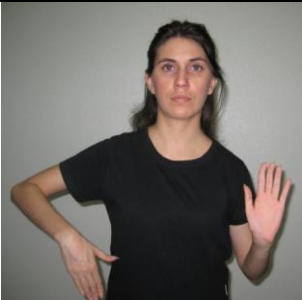
Quadro 5 – Sinais produzidos por Coqueiro

LÉXICO		SC
 <p>MULHER</p>		CM 12, pegando na ponta da orelha fazendo uma alusão ao brinco.
LÉXICO		LIBRAS
		CM 1, passando o polegar levemente no rosto da orelha para o queixo.

LÉXICO	SC
 <p data-bbox="306 491 405 515">HOMEM</p>	<p data-bbox="630 188 939 443">CM 8: o sinal é realizado da esquerda para a direita, passando o indicador sobre o lábio superior, aludindo a um bigode. Apresenta ambiguidade de significado podendo ser entendido também como PAI ou MARIDO.</p>
LÉXICO	LIBRAS
	<p data-bbox="630 611 915 754">CM 48, palma para cima, dedos tocando cada lado do queixo. Move a mão ligeiramente para baixo, unindo as pontas de dedos.</p>
LÉXICO	SC
 <p data-bbox="314 1190 399 1214">PRAÇA</p>	<p data-bbox="630 919 941 1118">CM 58, realizado com as duas mãos em movimentos simultâneos, acompanhado do movimento corporal simulando o ato de sentar, aludindo a um banco de praça.</p>

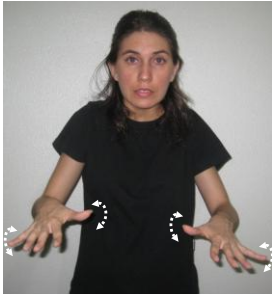
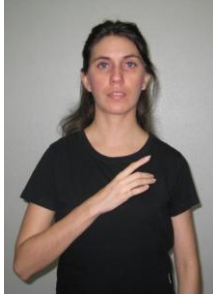
LÉXICO	LIBRAS
	<p>Mão passiva com a CM 2, palma para baixo, na frente do peito, a outra mão com CM 47 por cima, faz o movimento em círculo.</p>
LÉXICO	SC
 <p>VELHA</p>	<p>CM 3, mão tremulando, simulando o pegar em uma bengala e costas levemente curvada. Pode significar também VOVÓ.</p>
LÉXICO	LIBRAS
	<p>CM 3, palma para dentro. Abaixo do queixo tocando-o duas vezes.</p>


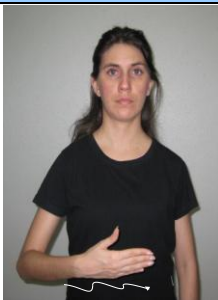
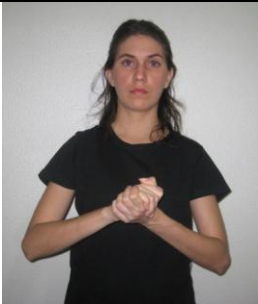
LÉXICO	SC
 <p data-bbox="329 491 385 512">FEIA</p>	<p data-bbox="630 186 940 387">CM 19 e CM 12 respectivamente, movimento inicial em L passando próximo ao rosto de cima para baixo finalizando com o polegar apontando para baixo, fazendo um sinal de negação.</p>
LÉXICO	LIBRAS
	<p data-bbox="630 667 904 724">CM 19, palma para dentro. Tocar duas vezes do peito.</p>
LÉXICO	SC
 <p data-bbox="318 1190 396 1211">PRAIA</p>	<p data-bbox="630 946 932 1058">CM 53, movimento realizado com uma das mãos em frente do corpo simulando as ondas do mar.</p>

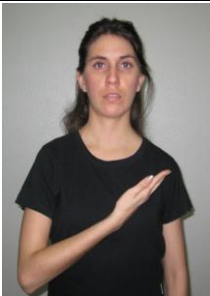
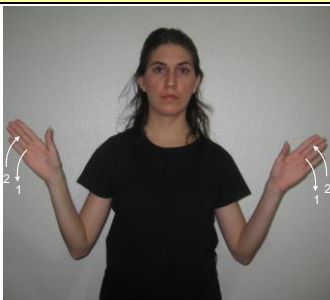
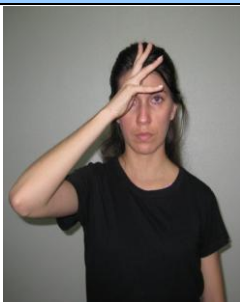
LÉXICO		LIBRAS
		CM 52, palma para baixo, mão esquerda diante do ombro esquerdo; mão direita ao lado direito do corpo. Dobrar a mão direita pelo pulso para trás, repetindo várias vezes.

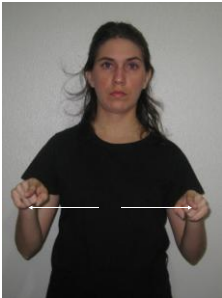

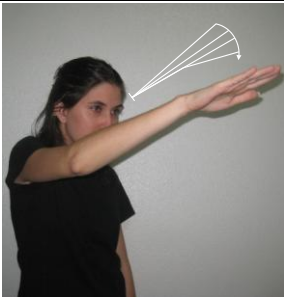
Fonte: Elaboração própria.

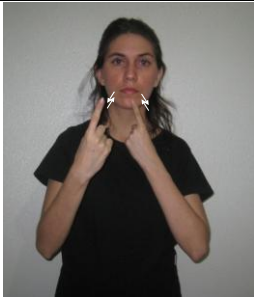

Quadro 6 – Sinais produzidos por Macaxeira



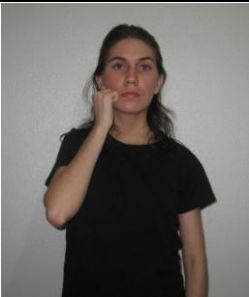
LÉXICO		SC
		CM 57, mãos estendidas à frente do corpo tremulando, acompanhada da expressão facial de terror.
LÉXICO		LIBRAS
		CM 32, palma para dentro, unha do médio tocando a ponta interna do polegar com movimento do dedo médio para frente e tensionado, sendo distendido várias vezes com a expressão de terror.


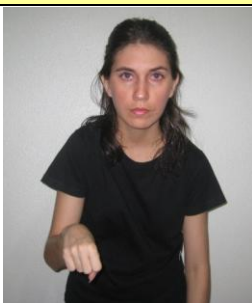
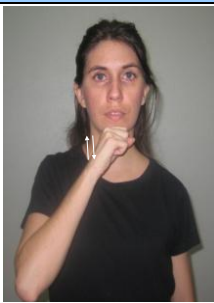
LÉXICO	SC
 <p data-bbox="333 491 405 513">PEIXE</p>	<p data-bbox="655 244 913 387">CM 16, mão esquerda passiva e a direita realiza o movimento simulando a escamação de um peixe.</p>
LÉXICO	LIBRAS
	<p data-bbox="655 611 896 754">CM 52, palma para esquerda. Mover a mão para frente, com o movimento em ziguezague.</p>
LÉXICO	SC
 <p data-bbox="325 1193 413 1216">AMIGO</p>	<p data-bbox="655 1007 900 1090">CM 58, aperto de mãos, aludindo a um cumprimento.</p>


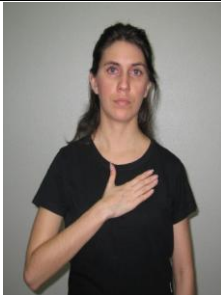
LÉXICO	LIBRAS
	<p>CM 52, palma para cima, dedos para esquerda, próximo ao peito. Tocar levemente o peito, duas vezes. A expressão facial demonstra a intensidade da amizade.</p>
LÉXICO	SC
 <p>FRANGO</p>	<p>CM 57, mão levantadas na altura do ombro simulando o bater de asas de uma ave.</p>
LÉXICO	LIBRAS
	<p>CM 57 e CM 2, palma para esquerda, diante da testa. Baixar a mão fechando os dedos, um por um, iniciando pelo mínimo.</p>

LÉXICO	SC
 <p>SEPARAR (semelhante ao o sinal de SEPARAR-SE no contexto matrimonial)</p>	<p>CM 16, realizado simultaneamente com os dois dedos se afastando para os lados opostos.</p>
LÉXICO	LIBRAS
	<p>CM 52 e CM 58, aperto de mão desfeito, afastando as mãos bruscamente para os lados opostos, em frente ao corpo.</p>
LÉXICO	SC
 <p>ANOITECER e/ou ENTARDECER (semelhante ao sinal de BOA TARDE, produzido na Libras)</p>	<p>CM 53 pode ser realizado com uma ou duas mãos simultaneamente em movimento de cima para baixo aludindo ao ocaso.</p>

LÉXICO	LIBRAS
	<p>CM 16, realizado com uma das mãos, tocando levemente a boca com movimentos para frente e para trás.</p>
LÉXICO	SC
 <p>FALAR e/ou CONVERSAR (semelhante ao sinal de DIÁLOGO/DIALOGAR, em Libras)</p>	<p>CM 16, realizado com uma das mãos, tocando levemente a boca com movimentos para frente e para trás.</p>
LÉXICO	LIBRAS
	<p>CM 2 e CM 52, uma das mãos no sentido horizontal fechada, palma para baixo; mão direita no sentido horizontal aberta, palma para baixo, dedos apontando para esquerda, tocando o dorso da mão esquerda em movimentos circulares.</p>

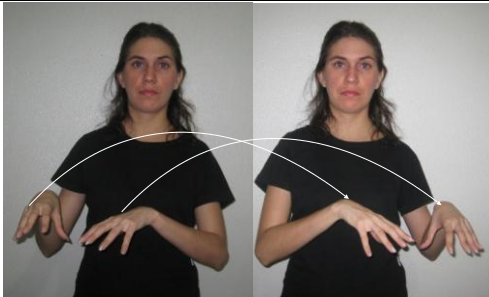
LÉXICO	SC
 <p data-bbox="157 456 580 512">IGREJA (referência à cruz como se faz em Libras)</p>	<p data-bbox="656 272 882 328">CM 1, movimento em cruz na testa.</p>
LÉXICO	LIBRAS
	<p data-bbox="656 632 893 687">CM 53 e CM 8, fazer o sinal de casa e cruz.</p>
LÉXICO	SC
 <p data-bbox="340 1182 397 1209">MÃE</p>	<p data-bbox="656 967 893 1078">CM 2, com o dorso dos dedos, com orientação para dentro, tocando a bochecha.</p>

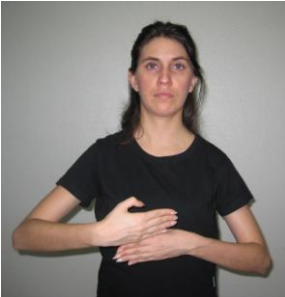
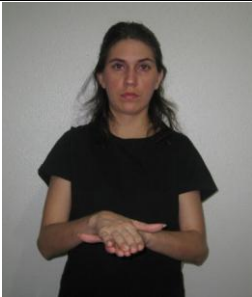
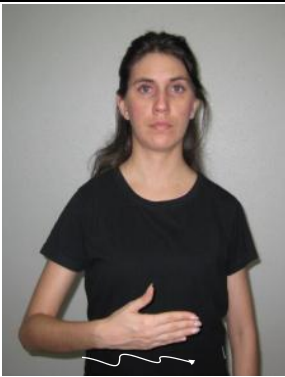
LÉXICO	LIBRAS
	<p>CM 1 e CM 3, um sinal de mulher e mais benção que se transforma MÃE.</p>
LÉXICO	SC
 <p>VELHO</p>	<p>CM 3, a mão tremulando, simulando o pegar em uma bengala e costas levemente curvadas. Pode significar também VOVÓ.</p>
LÉXICO	LIBRAS
	<p>CM 3, palma para dentro. Abaixo do queixo. Tocar a mão sob o queixo duas vezes.</p>

LÉXICO		SC
 <p>GOSTAR</p>		<p>CM 58 e CM 3, a palma da mão, tocando o lado esquerdo no peito realizando um movimento circular.</p>
LÉXICO		LIBRAS
		<p>CM 50, palma para dentro, tocar a palma no centro do corpo.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 7 – Sinais produzidos pelo Tapioqueiro

LÉXICO		SC
 <p>TIJOLO</p>		<p>CM 59, movimento para os lados com as duas mãos, simultaneamente.</p>

LÉXICO	LIBRAS
	<p>CM 16, mão direita sobre a esquerda, as duas com orientação para dentro, uma se sobrepondo a outra em movimento contínuo.</p>
LÉXICO	SC
 <p>PEIXE</p>	<p>CM 16, mão direita com a orientação para baixo, pousada sobre a mão esquerda, com mesma orientação, com os polegares em destaque realizando movimentos em rotação.</p>
LÉXICO	LIBRAS
	<p>CM 52, palma para esquerda. Mover a mão para frente, com o movimento em ziguezague.</p>
<p>OBS: A razão pela apresentação resumida do léxico em SC apresentado por Tapioqueiro se deu em função de seu conhecimento da Libras não ainda proficiente, mas o suficiente para estabelecer diálogo. É importante lembrar que o Tapioqueiro estudou em uma escola regular inclusiva no ensino fundamental, em uma sala com uma professora usuária da Libras, por esta razão se tornou utente da língua padrão, mas como consequência do distanciamento geográfico de sua cidade em relação à escola, utiliza a língua</p>	

de sinais caseiros com os familiares vizinhos e amigos de sua localidade. Esses dois léxicos acima que foram criados por ele em função dos referenciais estáveis encontrados em seu ambiente. Em seu município há um açude, que comumente é usado pelos moradores do local para pescar e uma fábrica de tijolos. De acordo com Cuxac (2000) os sinais caseiros apresentam referenciais estáveis de determinada localidade, como ficou comprovado neste quadro.

Fonte: Elaboração própria.

Os quadros acima evidenciam que as configurações de mão utilizadas na realização dos SC são as mesmas presentes no quadro de configurações catalogadas da Libras. Desta forma, é possível podemos afirmar que Coqueiro, Macaxeira e Tapioqueiro utilizam naturalmente tais configurações unindo-as aos outros parâmetros fonológicos, construindo sinais motivados por fatores socioculturais presentes em seus ambientes. Além do uso dessas configurações também se constatou a presença de um léxico específico, concordando com a pesquisa de Ivani Souza Fusellier, que ao pesquisar os SC (Línguas Gestuais Primárias, assim denominados por ela), constatou que há parâmetros que são capazes de se organizarem fonologicamente na produção dos sinais. Conforme Fusellier (2004, p.5):

[...] a organização morfológica do signo gestual de Jo se estabelece em torno de cinco parâmetros de formação, que são atestados igualmente na elaboração do léxico de todas as comunidades de línguas de sinais. Estes cinco parâmetros são: a configuração, o movimento, a orientação, a localização e a expressão facial, eles mesmos associados aos movimentos da cabeça e do corpo.

Outro ponto observado foi a ausência do alfabeto manual na sinalização feita por Coqueiro. Pelas informações coletadas na pesquisa, pode-se inferir que isto se dá em decorrência da falta de contato com a língua portuguesa de forma sistematizada e a Libras, já que o alfabeto manual se constitui em um empréstimo linguístico do português para a Libras, e por isso adquirido no ensino formal deste, contudo sua forma de comunicação é essencialmente gesto-visual.

4.2 Iconicidade

Nos quadros abaixo há uma descrição da relação motivacional icônica dos sinais caseiros produzidos pelos informantes pesquisados, em analogia aos sinais correspondentes em Libras.

Quadro 8 – Relação motivacional icônica dos sinais caseiros produzido por Coqueiro

SINAL	MOTIVAÇÃO EM SC	MOTIVAÇÃO EM LIBRAS
HOMEM	Uma referência ao bigode em decorrência do seu uso ser uma prática comum dos homens da região.	Uma referência à barba, levando em conta a época em que o sinal foi criado, os homens, em sua maioria, a usavam.
PRAÇA	Este emergiu do movimento corporal de sentar. É representado pelo classificador de pessoas andando em círculo repetidas vezes, em seguida acrescenta-se a expressão facial de cansaço + expressão corporal de sentar, enfatizando o caimento do antebraço sobre o braço da cadeira.	Uma referência a forma arredondada das praças com a sua letra inicial emprestada da língua portuguesa.
VELHA	Este emergiu da observação da postura corporal da avó de nosso informante. É a representação de uma pessoa apoiando o corpo sobre uma bengala, segura por uma das mãos.	Um sinal que lembra o sinal de PAI e MÃE, pela localização, mas sua motivação inicial já se perdeu, não sabemos hoje de sua origem motivacional.
FEIO	Sua representação tem como razão motivacional a negação. É realizado passando a mão aberta por todo o rosto com a palma para dentro e em seguida é acrescentado o sinal do polegar apontando para baixo, indicando negação. Seria interpretado como NÃO-BONITO lembra uma forma de sinalização arcaica da palavra FEIO utilizada pelas comunidades surdas do Brasil.	Este sinal foi inicialmente representado da mesma forma que nos sinais caseiros como mostra o quadro ao lado, com o passar do tempo foi se modificando e abandonando sua motivação inicial, e recebendo uma motivação afirmativa ganhando uma forma arbitrária.
PRAIA	Representação do movimento das ondas do mar.	Representação icônica de alguém segurando uma prancha de surf com uma das mãos e remando com a outra.

SINAL	MOTIVAÇÃO EM SC	MOTIVAÇÃO EM LIBRAS
AMIGOS	Motivação oriunda do cumprimento realizado por meio de um aperto de mãos entre pessoas conhecidas. Em contrapartida, a ausência de um aperto de mão denota que tal indivíduo não pode ser considerado amigo.	A motivação encontrada na Libras é referente à localização em que o sinal é realizado, sendo este parte constituinte do sinal, o lado esquerdo na altura do coração mais a configuração de mão e o movimento formam o sinal de AMIGO, lembrando “aquele que esta próximo ao coração.”
FRANGO	Uma referência às asas de uma galinha em movimento de voo.	Uma referência a crista da galinha.
SEPARAR	Neste sinal a motivação é identificada no parâmetro do movimento, representa a separação de corpos da mesma forma que acontece a Libras, porém a CM e a locação se diferem sendo uma na forma de X direcionado para cima em vez de ser para os lados respectivamente.	A motivação vem do afastamento de objetos, realizado na representação manual de dois dedos indicadores na CM em D afastando-se um do outro.
TARDE	Sua motivação é relacionada com o pôr do sol, o sinal é realizado com a mesma CM e movimento da Libras, porém as duas mãos exercem função de domínio e se movimentam simultaneamente de forma simétrica em mesma CM.	A motivação é a mesma, porém uma das mãos é dominante e a outra passiva servindo de ponto de apoio, apresentando CM diferentes, sendo a dominante em B e a passiva em S.
DIALOGAR	Tem como referência o movimento dos lábios, e é representado por meio do toque com os indicadores nos lábios em movimentos alternados.	A motivação na realização do sinal em Libras é a mesma dos SC, coincidem também na realização do sinal.
IGREJA	É realizado com o sinal da cruz feito na testa, motivado pelo sinal da cruz feito na testa dos fiéis durante a missa.	Motivado pela cruz presentes no teto das igrejas é realizado pela junção do sinal de CASA + CRUZ.

SINAL	MOTIVAÇÃO EM SC	MOTIVAÇÃO EM LIBRAS
DORMIR	É motivado pela posição em que as crianças costumam dormir, com as mãos junto ao rosto, simulando um travesseiro.	É motivado pelo movimento de fechar os olhos, é realizado com a CM 5 próximo de um dos olhos pelo lado da frente, fechando a mão em S, e deixando a cabeça cair levemente simulando alguém com sono.
COMER	A motivação é percebida pela escolha do ponto de articulação, a boca com CM e movimento semelhante ao realizado na Libras.	A motivação é relacionada também ao ponto de articulação da mesma forma que acontece nos SC.
JOGAR	Simula o ato de lançar um objeto com uma das mãos, tem como motivação a ação em si.	É motivado e realizado pela mesma razão da mesma forma que nos SC.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 9 – Relação motivacional icônica dos sinais caseiros produzido por Macaxeira

SINAL	MOTIVAÇÃO EM SC	MOTIVAÇÃO EM LIBRAS
MEDO	O fator motivacional está na reação física demonstrada em uma circunstancia de temor, mãos trêmulas e expressão facial de pavor.	O fator motivacional são as batidas rítmicas do coração, apresenta configuração de mãos distintas, mas a expressão facial é a mesma.
PEIXE	O ato de escamar um peixe.	O movimento do peixe ao nadar.
POLÍCIA	O símbolo na manga da camisa dos uniformes policiais.	O símbolo no bolso esquerdo dos uniformes policiais.
MÃE	O fator motivacional desse sinal é o próprio fonema “M” da palavra mamãe na língua portuguesa (Macaxeira quando pequena frequentou seções de fonoterapia). Aparentemente não há iconicidade.	Sinal composto motivado pelo sinal de mulher e o sinal de benção.

SINAL	MOTIVAÇÃO EM SC	MOTIVAÇÃO EM LIBRAS
VELHO	Este emergiu da observação da postura corporal da avó de nosso informante. É a representação de uma pessoa, apoiando o corpo sobre uma bengala segurada por uma das mãos.	Um sinal que lembra o sinal de PAI e MÃE, pela localização, mas sua motivação inicial já se perdeu, não sabemos hoje de sua origem motivacional.
GOSTAR	Tem como motivação a própria localização do sinal, o lado esquerdo do peito. Aparentemente também não há iconicidade.	Semelhantemente aos SC tem como motivação a própria localização do sinal, o lado esquerdo do peito. Aparentemente também não há iconicidade.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 10 – Relação motivacional icônica dos sinais caseiros produzido por Tapioqueiro

SINAL	MOTIVAÇÃO EM SC	MOTIVAÇÃO EM LIBRAS
PEIXE	A representação icônica do animal, destacando suas nadadeiras.	A forma do peixe e seu nado. Embora a motivação de ambos os sinais seja a mesma, apresentam as CM e movimento bem distintos.
TIJOLO	A forma de pegar o tijolo e transportá-lo de um lugar para outro.	Tem como motivação o empilhamento de tijolos em construções civis.

Fonte: Elaboração própria.

A iconicidade percebida na sinalização dos informantes está fortemente ligada ao seu meio ambiente, ou seja, eles representam em sua sinalização os objetos que os cercam, da forma como os percebem. Cuxac (2000), Yau (1992) e Fusellier (1990), em concordância com o observado em minha pesquisa, afirmam que o léxico construído por surdos adultos em situação de isolamento sofrem a influência das culturas que os circundam, e que os sinais que tomam como motivação referentes estáveis são semelhantes na sinalização de um indivíduo e outro. Ainda que tais sinais sejam particularizados e restringidos em seu compartilhamento a um pequeno grupo de sua convivência, estes compreendem com relativa facilidade os enunciados elaborados, por viverem no mesmo contexto social e cultural. É o caso dos sinais de PRAÇA, MULHER, VELHO, SENTAR e OUTROS, anteriormente catalogados, identificados na sinalização de nossos informantes Coqueiro e Macaxeira. É importante lembrar que os entrevistados citados há pouco, residem na mesma cidade, já estabeleceram contato anterior à pesquisa, e por isso utilizam sinais

já convencionados, ou cujo referencial estável é comum a ambos. Yau (apud FUSELLIER, 1999 p. 2) afirma o seguinte:

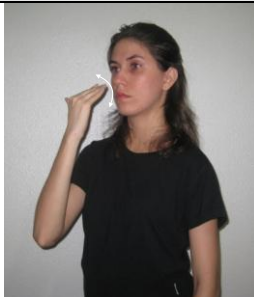
[...] as línguas gestuais de pequenas comunidades são utilizadas por um pequeno número de pessoas surdas, algumas dezenas, que vivem em coletividade. Por fim, os sistemas gestuais criados por adultos surdos isolados – as línguas de sinais espontâneas – utilizadas por pessoas surdas com surdez profunda de nascimento que vivem no meio da comunidade ouvinte.

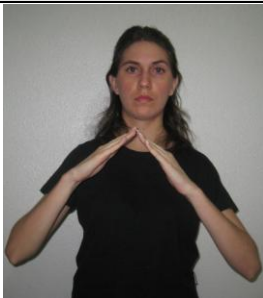
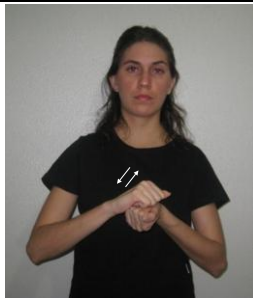
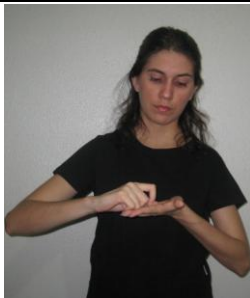
Os sinais apresentados nas tabelas anteriores são de uso sincrônico em virtude de seu caráter emergencial, e diferentemente da Libras, não serão passados de geração a geração, em virtude de sua convencionalidade se dá de forma limitada em termos sociais e geográficos, utilizados apenas no meio de circulação de nossos informantes.


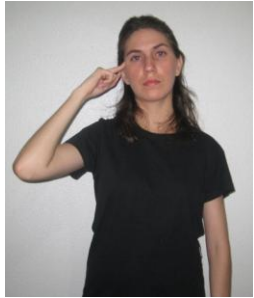
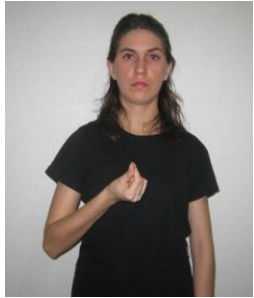
4.3 Uso de sinais emblemáticos nos sinais caseiros e em Libras


Foi possível detectar também o uso de alguns sinais categorizados por Efron (1941) e Correa (2007) como emblemáticos, que são assim chamados por serem gestos usados e compreendidos com a mesma significação por ouvintes e surdos utentes da Libras ou não, é o caso dos seguintes sinais utilizados pelos informantes desta pesquisa:

Quadro 11 – Sinais emblemáticos produzidos por Coqueiro

LÉXICO	SC / LIBRAS	MOTIVAÇÃO
 <p data-bbox="202 1241 292 1265">COMER</p>	<p>CM 49, movimentos para baixo e para cima próximo da boca, orientação para dentro.</p>	<p>Esse sinal tem como motivação a própria boca, sendo ela considerada a porta de entrada dos alimentos, é o referencial icônico do sinal.</p>

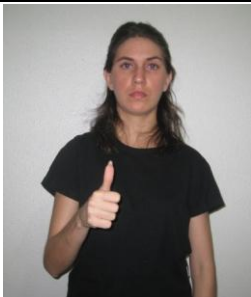
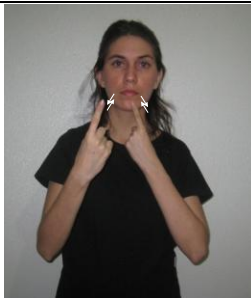
LÉXICO	SC / LIBRAS	MOTIVAÇÃO
 <p>CASA</p>	CM 3, as duas mãos com as palmas viradas uma para outra, unidas pelas pontas dos dedos, aludindo ao teto de uma casa.	Tem como motivação a forma do teto das casas típicas do Brasil.
 <p>LAVAR-ROUPA</p>	CM 2, duas mãos esfregando uma na outra, sendo uma passiva.	É motivado pelo ato de lavar manualmente as roupas.
 <p>ESCREVER</p>	CM 4 e CM 53, mão ativa e passiva respectivamente, simulando o ato de escrever.	Tem sua motivação no ato de escrever.

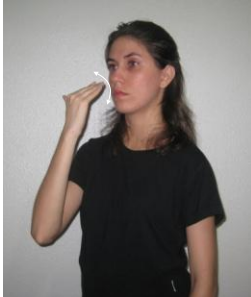
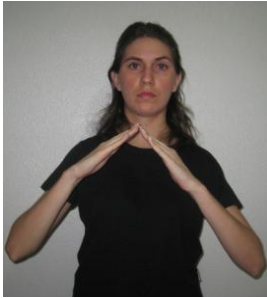
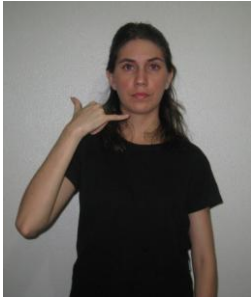
LÉXICO	SC / LIBRAS	MOTIVAÇÃO
 <p>BEBER</p>	CM 1, realizado na frente da boca com movimentos para frente e trás.	O polegar apontando para a boca indicando o ato de beber algo. Nesse caso a boca não é apenas a locação, mas parte integrante do sinal.
 <p>PENSAR</p>	CM 21, encostando o indicador pela ponta na frente.	A cabeça não é apenas o ponto de articulação, mas é também parte integrante do sinal.
 <p>DINHEIRO</p>	CM 12, dedos unidos pelas pontas, esfregando um no outro.	A motivação está no ato da contagem das cédulas, esse sinal é usado quase que mundialmente, com a mesma significação.


LÉXICO	SC / LIBRAS	MOTIVAÇÃO
 <p>JOGAR/LANÇAR</p>	CM 3 e CM 57 respectivamente, simulando o ato de jogar algo.	Sua motivação é o ato de lançar algo com a mão.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 12 – Sinais emblemáticos produzidos por Macaxeira

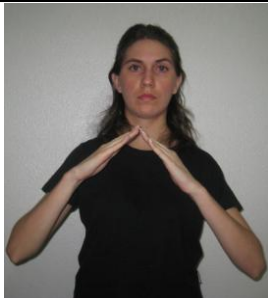
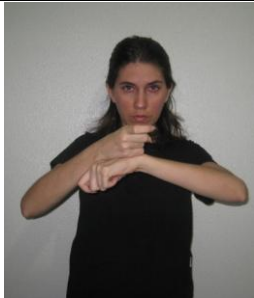
LÉXICO	SC / LIBRAS	MOTIVAÇÃO
 <p>POSITIVO</p>	CM 1, posição para cima.	Não se sabe ao certo a motivação, mas esse é um gesto conhecido e realizado quase que mundialmente, com a mesma significação.
 <p>DIÁLOGO/FALAR</p>	CM 16, realizado com uma das mãos tocando levemente a boca para frente e para trás.	Tem como referência o movimento dos lábios.

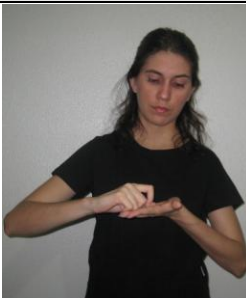

LÉXICO	SC / LIBRAS	MOTIVAÇÃO
 <p data-bbox="228 491 315 513">COMER</p>	<p data-bbox="462 188 723 272">CM 49, movimentos para cima e para baixo próximo da boca.</p>	<p data-bbox="750 188 1000 384">Esse sinal tem como motivação a própria boca, sendo ela considerada a porta de entrada dos alimentos, é o referencial icônico do sinal.</p>
 <p data-bbox="239 826 304 849">CASA</p>	<p data-bbox="462 523 723 687">CM 3, as duas mãos com as palmas viradas uma para outra, unidas pelas pontas dos dedos aludindo ao teto de uma casa.</p>	<p data-bbox="750 523 992 603">Tem como motivação a forma do teto das casas típicas do Brasil.</p>
 <p data-bbox="210 1161 338 1184">TELEFONE</p>	<p data-bbox="462 858 701 938">CM 31, palma para baixo, encostar ao lado da orelha.</p>	<p data-bbox="750 858 1003 1002">É uma representação icônica do telefone, é usado e compreendido em quase todo o mundo para significar, telefonar.</p>

LÉXICO	SC / LIBRAS	MOTIVAÇÃO
 <p>PRESO</p>	CM 45, realizado com as duas mãos uma sobre a outra, orientação para baixo.	É uma referência às grades da cela.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 13 – Sinais emblemáticos produzidos por Tapioqueiro

LÉXICO	SC / LIBRAS	MOTIVAÇÃO
 <p>CASA</p>	CM 3, as duas mãos com as palmas viradas uma para outra, unidas pelas pontas dos dedos aludindo ao teto de uma casa.	Tem como motivação a forma do teto das casas típicas do Brasil.
 <p>REVÓLVER</p>	CM 10, com movimento do dedo indicador, posicionado para frente apoiado sobre a outra mão simulando o apertar de um gatilho.	É motivado pela parte da arma conhecida como gatilho.

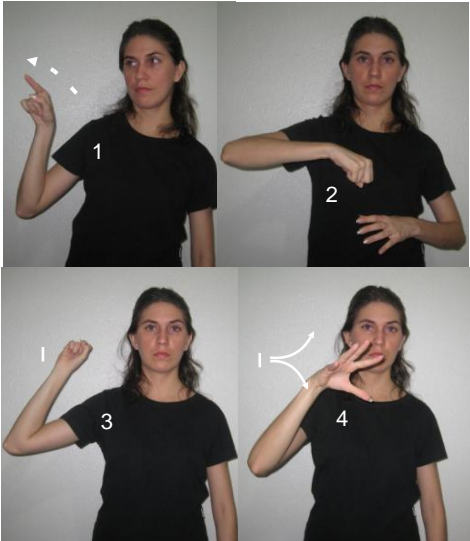
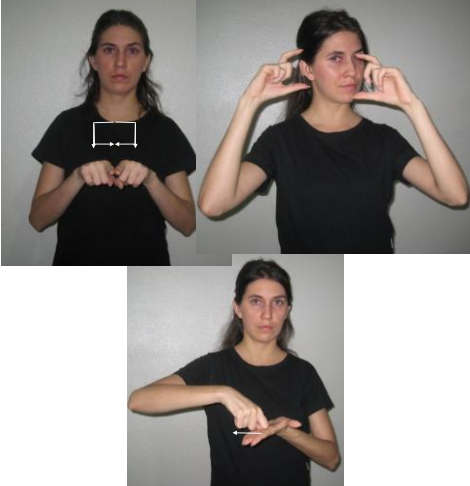
LÉXICO	SC / LIBRAS	MOTIVAÇÃO
 <p>ESCREVER</p>	CM 4 e CM 53, mão ativa e passiva respectivamente, simulando o ato de escrever.	Tem sua motivação no ato de escrever.
LÉXICO	SC / LIBRAS	MOTIVAÇÃO
 <p>ACABAR</p>	CM 52, as duas mãos com palmas para baixo, realizando um movimento do centro para fora.	Movimento espontâneo realizado por surdos e ouvintes. É um gesto não icônico de motivação não identificada.


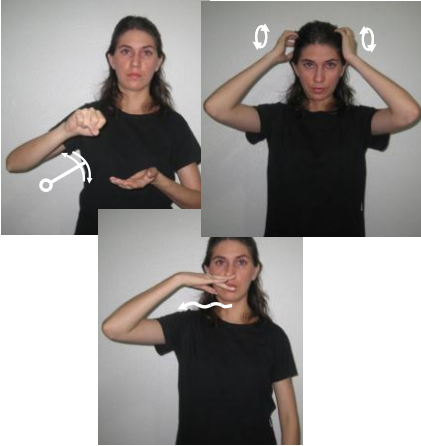
Fonte: Elaboração própria.

Por meio dos dados colhidos e demonstrados nos quadros anteriores, foi possível constatar que os sinais caseiros, assim como as línguas de sinais oficiais, se utilizam de sinais emblemáticos criados por ouvintes, incorporando-os ao seu léxico, como afirma Correa (2007, p. 68): “[...] as línguas de sinais inseriram em seu léxico alguns dos emblemas usados convencionalmente pelos ouvintes” como, por exemplo, CASA, COMER, TELEFONE, entre os outros léxicos.

4.4 Sinais compostos


Quadro 14 – Sinais caseiros compostos produzidos por Coqueiro


<p>CARNAVAL</p> <p>O informante não apresentou um sinal específico para representar a cor branca, apontou para a parede, mas poderia ter sido qualquer outro objeto da cor branca e, em seguida, simulou algo como, pegar um objeto e lançar aleatoriamente, formando um único sinal para CARNAVAL. A motivação do sinal está na tradição da cidade, em realizar uma brincadeira, no período do carnaval, chamada mela-mela, em que os foliões jogam pó ou maisena uns nos outros.</p>	 <p>IX (BRANCO)+PEGAR+JOGAR</p>
<p>CARTÃO DE BENEFÍCIO</p> <p>É a representação icônica do cartão de recebimento de benefício e do ato de passá-lo na máquina de autoatendimento bancário.</p>	 <p>QUADRADO+FOTO+PASSAR</p>

<p>SABONETE</p> <p>Representação mimética do ato de passar o sabonete no corpo durante o banho, identificando com a configuração de mão o sabonete, passando-o no corpo e sentindo seu perfume, respectivamente.</p>	 <p>PASSAR+CORPO+CHEIRAR</p>
<p>SHAMPOO</p> <p>Representação mimética do ato de lavar o cabelo, botar o shampoo na mão, passar no cabelo e em seguida cheirar a ponta do cabelo.</p>	 <p>LAVAR-CABELO+CHEIRAR</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 15 – Sinais caseiros compostos produzidos por Macaxeira

<p>CAFÉ</p> <p>Motivado pelo ato de coar o café em um pano e em seguida levar a xícara à boca.</p>	 <p>COADOR DE CAFÉ + XÍCARA</p>
---	---

<p style="text-align: center;">FOME</p> <p>A barriga é utilizada como ponto de articulação, mas também como parte integrante do sinal. Esfregar a barriga em círculo e em seguida fazer o sinal de comer.</p>	 <p style="text-align: center;">BARRIGA-ESFREGAR + COMER</p>
--	--

Obs: Não foram identificados sinais compostos na sinalização de Tapioqueiro, no decorrer da entrevista.

Fonte: Elaboração própria.

Os SC compostos supracitados passam por um processo de formação composicional semelhante ao existente na Libras. Em relação a esse processo, Quadros (2004), diz que um sinal já existente com papel definido junta-se a outro pra formar um novo vocábulo, utilizando a estruturação sintática com finalidade lexical. Brito (1995) corrobora com essa definição, afirmando que o processo de composição na LS se dá por meio da combinação de duas raízes (sinais) ou mais, já existentes na LS, originando um sinal de significação diferente, daqueles quando referidos isoladamente, como ocorre nos sinais de: ZEBRA (CAVALO+LISTRAS) e DIVÓRCIO (CASAR+SEPARAR).

Estudos sobre a Língua de Sinais Americana (ASL) revelaram que na formação de um composto há dois tipos de regras, morfológicas e fonológicas, que causam mudanças predicáveis sobre os dois sinais que se juntam para formá-lo. Aqui levarei em conta somente as regras morfológicas pelo fato de serem aplicadas especificamente na criação de novas unidades com significado. São três as regras morfológicas: de contato, da sequência única e da antecipação da mão não-dominante. A primeira diz respeito à manutenção do contato existente nos dois sinais que formam o composto; a segunda, da eliminação da repetição do movimento; e a última, da antecipação da mão passiva na realização do sinal (SCOTT LIDDEL apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 102-104).

Nos sinais compostos produzidos pelos informantes pesquisados, durante a gravação dos diálogos, a aplicação das regras morfológicas referidas não foram constatadas em sua totalidade. Os compostos apresentados nos quadros 14 e 15 foram realizados mantendo todas as características dos sinais que os originaram, o que não descarta a possibilidade da existência de outros compostos produzidos por eles, não registrados no vídeo, que apresentem o

cumprimento dessas regras, pois o tempo de duração das filmagens não foi suficiente para abarcar todo o léxico produzido por eles.

4.5 Referente temporal

Os referentes temporais pertencentes à Libras apresentam as formas de presente, passado e futuro representados pelos sinais de HOJE, PASSADO/ONTEM/ERA, FUTURO/DEPOIS/AMANHÃ, respectivamente. Com contornos diferentes nos parâmetros fonológicos, os referentes temporais também integram a sinalização dos informantes desta pesquisa, com exceção de Tapioqueiro que utiliza a Libras.

Quadro 16 – Referência temporal na língua de sinais caseiros

PASSADO	
FUTURO-DEPOIS	
PRESENTE-HOJE	

Fonte: Elaboração própria.

Observe que informantes usam os referentes temporais, demonstrando compreensão e apropriação dos conceitos relacionados ao tempo. De acordo com Brito (1995), esses referentes apresentam características específicas no parâmetro do movimento nas LS.

Os sinais que veiculam conceito temporal, em geral, vêm seguidos de uma marca de passado, futuro ou presente da seguinte forma: Movimento para trás, para o passado; Movimento para frente, para o futuro; e Movimento no plano do corpo, para presente. (p.13).

4.6 Numerais

Os numerais apresentados na sinalização dada pelos informantes pesquisados, se diferenciam nas configurações, não em sua totalidade, das pertencentes a Libras (em Libras há diferentes configurações de mão para representar numerais e quantidades), mantendo as mesmas configurações para os numerais de dois a quatro para os demais os dedos se mantêm estendidos, semelhante às configurações de mão relacionadas a quantidades. Na representação das dezenas são utilizadas as duas mãos. Os valores monetários são sinalizados com o acréscimo de cores, fazendo alusão a cor da cédula correspondente ao valor referido.

Como exemplo, há um trecho do diálogo de Coqueiro:

COQUEIRO – DINHEIRO CONTAR ENTREGAR.

Mãe – Quanto? Dez reais?

Coqueiro – DEZ REAIS?

Mãe – Tu quer que eu te dê?

Coqueiro – VOCÊ ME DAR DINHEIRO VERMELHO. (DEZ REAIS).

Na sinalização de Coqueiro, dez reais (R\$ 10,00) é representado com as duas mãos, com as palmas para frente dedos estendidos para cima (CM 57), mais a adição da cor vermelha (sinal semelhante ao sinal de VERMELHO na Libras), que consiste em tocar o lábio inferior com o indicador.

As referências numéricas presentes na sinalização de Coqueiro e Macaxeira são de caráter quantitativo. Tapioqueiro usa os numerais pertencente à Libras em sua sinalização, mas também se utiliza da forma caseira de numeração, em momentos distintos, dependendo de seu interlocutor.

A forma de representação quantitativa dos informantes recebeu forte influência de seus interlocutores ouvintes. A escolha por essa forma de apresentação numérica tem como objetivo facilitar o entendimento das partes envolvidas no diálogo. Ficher (1996) argumenta que na ASL e na Língua de Sinais Francesa (LSF) os sinais de representação numérica são híbridos,

derivam dos gestos usados pelos familiares ouvintes de surdos. As configurações de mãos, utilizadas por Coqueiro e Macaxeira para representar numerais, na Libras são usadas para representação quantitativa.

4.7 Noções pronominais

No desenvolvimento da entrevista com o Coqueiro foi possível perceber o uso dos dêixis, definido por Quadros (2004), como sendo uma palavra grega cuja sua significação é apontar ou indicar, usada nas LS para estabelecer as formas nominais no espaço com a finalidade de flexionar os verbos, eles podem ser usados com referentes presentes ou ausentes, sendo o primeiro realizado por meio de uma apontação direta ao referente, e o último quando o referente está ausente. Esse será identificado por meio do estabelecimento de um ponto imaginário no espaço, na frente do sinalizante que o aponta sempre que desejar mencioná-lo. Isso será analisado no recorte abaixo:

EX: COQUEIRO: – TER DUAS MULHER (sinal caseiro de mulher, mostrando estaturas diferentes), DORMIR QUARTO MESMO, CAMA AQUI, CAMA LÁ (referenciais estabelecidos no espaço para mostrar a posição dos objetos expostos no quarto).

COQUEIRO: – EU FALAR, AMIGO MORAR LÁ (aponta na direção da residência do amigo). EU SÓ FALAR, NAMORAR NÃO, PORQUE TRAIR.

MACAXEIRA : – SUA CASA, (apontando o local onde ele mora) BOM ?

TAPIOQUEIRO: – (apontando para direção oposta à casa de sua mãe) PERIGOSO TIRO CUIDADO.

As duas formas de utilização do dêixis foram identificadas na sinalização de nossos informantes, ambas usadas com a mesma frequência, mas no segundo caso (apontação do referente ausente) a utilização do espaço extrapola os limites do espaço imaginário existente na Libras, sendo a apontação direcionada para a localização real do objeto mencionado.

4.8 Expressões não-manuais

Coqueiro, Macaxeira e Tapioqueiro usam expressões não manuais, acompanhando sua sinalização de modo semelhante aos surdos usuários da Libras. Ao produzirem uma sentença negativa, afirmativa, exclamativa e/ou interrogativa, produzem movimentos de cabeça, ombros e corpo, acompanhados de expressões faciais que concordam com essas sentenças. O que pude perceber de peculiar nesses informantes, foi o fato de que as expressões faciais são atenuadas enquanto os movimentos de ombros, olhos e

cabeça são mais acentuados. O movimento de ombros usados para localizar os referentes do diálogo e o direcionamento do olhar são voltados sempre para o lugar em que foi estabelecido o referente inicial. Isso é um indício de que as expressões não-manuais dos sinais caseiros apresentam determinado nível semântico e sintático.

4.9 Mapeamento corporal

O corpo do sinalizante se constitui num componente formacional do sinal caseiro da mesma forma que acontece nas demais línguas de sinais, isto é, os sinais que são ancorados no corpo elegem a parte do corpo que corresponde à sua participação no evento (QUADROS; VASCONCELOS, 2006, p. 89). O mapeamento corporal da realização do sinal relaciona a parte do corpo que o sinal usa como âncora com o seu significado. No quadro abaixo há alguns sinais que clarificarão tal afirmação:

Quadro 17 – Mapeamento corporal

	MACAXEIRA	COQUEIRO	TAPIOQUEIRO
1. Verbos psicológicos (Locação: peito)	- AMOR - NÃO-GOSTAR	- GOSTAR - NÃO-GOSTAR	- DOIDO
2. Verbos atividades mentais (Locação: têmporas e testa)		- SABER	- SABER - ESQUECER
3. Verbos de percepção (Locação: órgãos de sentidos)	- OLHAR/VER	- ASSISTIR	- OLHAR
4. Verbos que indicam a fala (Locação: boca)	- FALAR - CONVERSAR - TELEFONAR	- CONTAR - CONVERSAR - FALAR	- FALAR - MENTIR
5. Verbos de mudança de estado (Locação: rosto, peito, olhos)	- CANSAR - CALMA	- RAIVA	- DORMIR

Fonte: Elaboração própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho abordei os conceitos de língua, linguagem e signo sob a ótica dos autores Fernandes, Saussure, Pierce, Vygotsky e Bakhtin; explicitarei os conceitos de língua e linguagem diferenciando-os por meio de suas características e funções linguísticas. Isso me permitiu categorizar os sinais caseiros como sendo uma forma de expressão comunicativa humana da modalidade viso-espacial.

Esses sinais podem ser usados na elaboração de enunciados que externam sentimentos e pensamentos. Seus usuários são surdos que não têm contato com uma comunidade surda fluente na língua de sinais oficial de seu país. Por isso os SC são constituídos por sinais que emergem da necessidade do indivíduo surdo em condição de isolamento linguístico de se comunicar com a comunidade em que está inserido (familiares e vizinhos). Eles apresentam aspectos motivacionais de acordo com o ambiente e cultura local, sendo esses dois fatores responsáveis pela forte influência na composição lexical do sujeito e na iconicidade do sinal. O desenvolvimento do léxico dos SC tem a participação de surdos e ouvintes e geralmente se dá em ambientes familiares em que ouvintes tem filho(s) surdo(s).

Esses SC desenvolvidos no ambiente familiar são signos compartilhados e convencionados socialmente, e é o meio pelo qual os informantes desta pesquisa expressam seus pensamentos e se relacionam dialogicamente com familiares e amigos. Tais sinais trazem em sua estrutura formacional os parâmetros fonológicos (movimento, locação, configuração de mão e expressões-não-manuais) característicos das línguas de sinais. Em seus componentes lexicais estão os sinais emblemáticos e compostos. Sobre esse último, Basílio (apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 102) afirma que:

A composição utiliza a estruturação sintática para fins de criação lexical; constitui-se num processo de função semântica e tem por objetivos fundamentais a denominação a qual se revela nitidamente a importância da função metafórica na engrenagem da criação.

Fusellier (1995), Yau (1992), Goldin (2004), Correa (2007), Cuxac (2000), são autores que utilizam diferentes termos para denominar o que aqui chamo de sinais caseiros, mas todos concordam que trata-se de uma língua de sinais que emergiu da necessidade comunicativa de pais ouvintes com filhos surdos.

Nesse contexto, o presente estudo pode contribuir com o desenvolvimento de ações que visem:

- a preparação de instrutores surdos da língua de sinais, proporcionando-lhes conhecimento sobre outras possibilidades linguísticas na modalidade viso-espacial no Brasil;
- a inclusão de sinais caseiros na grade curricular dos cursos de formação dos profissionais intérpretes da Libras;
- diminuir o preconceito linguístico em relação aos surdos que utilizam os SC como principal meio comunicativo;
- amenizar as condições de isolamento linguístico vivida por alguns surdos.

A noção de traços distintivos nas línguas de sinais dá-se no sentido de cada sinal passa a ser visto como feixe de elementos básicos simultâneos, que formam uma CM, um M e uma L que, por sua vez, entram na formação de itens lexicais. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 62).

Os SC apresentam aspectos linguísticos comuns às LS, como: combinação dos parâmetros fonológicos na construção dos sinais, iconicidade e arbitrariedade, formação de novas glosas a partir de raízes já existentes (composição), representações numéricas, relações pronominais dêixis e referenciais temporais, foi possível testificar com os dados apresentados nos quadros expostos no corpo deste trabalho e nos anexos. Por apresentar esses aspectos linguísticos, acredito que os SC podem constituir-se em uma língua de sinais, embora esteja consciente de que ainda há muito a ser explorado, e que nesse campo de estudo, em específico, há divergências quanto ao *status* de língua imputado aos sinais caseiros.

A presente pesquisa não abrange todas as informações linguísticas sobre os sinais caseiros, este é um tema complexo e interessante do qual ainda há muito a ser explorado pela sociolinguística, e que pretendo continuar investigando.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, E. *Gesto e suas bordas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- ARMSTRONG, D; STOKOE, W.; WILCOX, W. E. *Gesture and the nature of language*. Cambridge University Press, 1995.
- ARONOFF, M; MEIR, I.; SANDLER, W. Universal and particular aspects of sign language morphology. *WPL*, University of Maryland, v. 10, p. 1-33, 2000.
- ARONOFF, M; MEIR, I.; SANDLER, W. The paradox of sign language morphology. *Language*, v. 81, p. 301-344, 2005.
- BAKER, C.; PADDEN, C. A. Focusing on the nonmanual component of American Sign Language. In: SPLE, P. (Ed). *Understanding Language through sign language research*. New York: Academic Press, 1978.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BEHARES, Luiz Ernesto; PELUSO, Leonardo. A língua materna dos surdos. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro: INES, n. 6, p. 40-48, mar. 1997.
- BLOCH, Bernard; TRAGER, George L. *Outline of linguistic analysis*. Baltimore: Linguistic Society of América, 1942. (Special Publications).
- BRITO, Lucinda Ferreira. *Integração social e educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.
- _____. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1995.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da Língua Portuguesa*. São Paulo: FENAME, 1969.
- CAPOVILLA, R.; RAPHAEL, W. D. *Língua de Sinais Brasileira: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue*. São Paulo: Edusp; Fapesp; Vitae, 2001.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CORREA, Rosemeire. *A complementaridade entre língua e gesto na comunicação humana*. 2007, Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Paraná, 2007.

CUXAC, C. *La langue des signes française: les voies de l'iconicité*. Paris: Ophrys, 2000. (Faits de Langues 15-16).

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Maria Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 25. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

EFRON, D. *Gesture and environment*. New York: King.s Crown Press, 1941.

FERNANDES, Eulália. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FISCHER, S. By the numbers: language-internal evidence for creolization. In: EDMONDSON, W. (Ed.). *International Review of Sign Linguistics*, Hillsdale, NJ: Erlbaum, v. 1, p. 1-22, 1996.

FUSELLIER, I. Souza Creationet development du langage gestuel chez les persomes sourds en situation d'Isolement. In: COLLOQUE DE LA JOURNEE D'ETUDESSULA LSF, 19., Toulousse, 1999. Anais..., Toulousse: Universit Mirail, 1999.

_____. *Sémiogenèse des langues des signes: étude de langues dessignes primaires (LSP) pratiques par des sourds brésiliens*. Université Paris 8, 2004.

GOLDIN-MEADOW, S.; MYLANDER, C. Gestural communication in deaf children: the effects and non-effects of parental input on early language development. *Monographs ofthe Society for Research 01 Child Development*, v. 49, p. 1-121, 1984.

GOLDIN-MEADOW, S.; MYLANDER, C. Beyond the input given: the child´s rolein the acquisition of language. *Language*, v. 66, p. 323-355, 1990.

_____. *Hearing gesture: how our hands help us think*. BelknapPress of Harvard University Press, 1990.

GOLDFEL, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GUARINELLO, Ana Cristina *et al.* O processo de referenciação na produção textual de adolescentes surdos. *Revista Letras*, Curitiba: UFRP, n. 72, p. 115-132, mai./ago. 2007.

HALL, Robert A. *An essay on language*. Walnut Street, Philadelphia: Chilton Books, 1968.

KENDON, A. Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance. In: KEY, M. R. (Ed.). *The relation between verbal and nonverbal communication*, Mouton: TheHague, p. 207-227, 1980.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1979.

LEITE, Tarcisio. *A segmentação da língua de sinais brasileira (LIBRAS): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre os surdos*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade São Paulo, São Paulo, 2008.

LIDDELL, S. K. Think and believe: sequentiality in American Sign Language. *Language*, v. 60, p. 372-99, 1984.

LYONS, J. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MATTAR, Fanze N. *Pesquisa de marketing*. São Paulo: Atlas S.A., 1996.

_____. Language and gesture: unity or duality? In: MCNEILL, D. *Language and gesture*. Chicago: Cambridge University Press, 2000.

MCCLEARY, Leland. *Sociolinguística*. Paraná: Curso de Licenciatura em Letras-Libras/ Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Mimeo.

MCNEILL, D. *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago: Cambridge University Press, 1992.

_____. *Language and gesture*. Chicago: Cambridge University Press, 2000.

MEIR, Irit *et al.* Repensando classes verbais em línguas de sinais: o corpo como sujeito. In: QUADROS, Ronice Müller de; VASCONCELLOS, Maria

Lúcia Barbosa de. *9º Theoretical Issues In Sign Language Research Conference*, Florianópolis: Arara Azul, 2006.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

ÖZYUREK, A. The influence of addresses location on spatial language and representational gestures of direction. In: MCNEILL, D. *Language and gesture*. Chicago: Cambridge University Press, 2000.

PEIRCE, C. S. *Semiótica e filosofia*. Seleção e tradução de: Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

_____. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. *Escritos colegiados*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença/Universidade Santa Úrsula, 1978.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição de linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. Avaliação da língua de sinais em crianças surdas na escola. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 297-309, 2004.

_____; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de. *9º Theoretical Issues In Sign Language Research Conference*, Florianópolis: Arara Azul, 2006.

_____. *et al. Exame Prolibras*. Florianópolis: UFSC; INEP/MEC, 2009.

RECTOR, Mônica; TRINTA, Aluizio Ramos. *Comunicação do corpo*. São Paulo: Ática, 1990.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 1999.

_____. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. 3.ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTANA, Ana Paula. *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguística*. São Paulo: Plexus, 2007.

SAPIR, E. The status of linguistics as a science. In: SAPIR, E. *Culture, language and personality*. Berkeley-CA: University of California Press, 1958.

SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. Tradução Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCLIAR-CABRAL, L. *Introdução à psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1991. (Série Fundamentos, 71).

SOBLIN, D. I. *Psicolinguística*. São Paulo: Nacional/USP, 1980.

SOBLIN, D. I. *Psicolinguística*. São Paulo: Nacional/USP, 1980.

SUPPALLA, T. et al. *The testbattrey for American Sign Language morphology and syntax*. New York. Univertisy of Rochester, s/d. Inédito.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WILCOX, S.; WILCOX, P. The gestural expression of modality in ASL. In: BYBEE, J.; FLEISHMAN, S. (Eds.). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: JohnBenjamins, 1995. p. 135-162.

YAU, S.-C. *Création gestuelle et début du langage*: création de langues gestuelles chez les sourds isolés Hong Kong: Éditions Langages Croisés, 1992.

ANEXOS

Anexo A

Explicação sobre o uso do programa ELAN

O ELAN (EUDICO – Anotador linguístico) é uma ferramenta de anotação que permite que você possa criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. Foi desenvolvido no instituto de psicolinguística *Max Planck*, Nijmegen, nos Países Baixos, com o objetivo de produzir uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimídia. ELAN foi projetado especificamente para a análise das línguas, aqui me deterei na análise da língua de sinais caseiro, mas pode ser usado por todos que trabalham com *corpora* de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, para finalidades de anotação, de análise e de documentação destes.

Nas interações com os pesquisados utilizei o programa ELAN para registro de dados, esses são inseridos nas linhas que são necessárias para abarcar todos os elementos manuais e não-manuais envolvidos numa situação comunicativa.

Com isso, o protocolo modelo é composto pelas seguintes linhas de transcrição:

- **Child Ms-Gloss-BP (Child Manual Sign Gloss-Brazilian Portuguese)** – esta compreende a glosa de sinais realizados pelo pesquisado em português brasileiro. Todos os sinais produzidos são transcritos nessa linha. É a linha-mãe para as linhas relacionadas às produções posteriores, podendo ter um bloco de informações ligadas a ela;
- **Child Utterance** – é uma linha independente da linha-mãe. Nela o pesquisador segmenta os enunciados produzidos pelo pesquisado, de acordo com as glosas transcritas na linha mãe;
- **Adult Ms-Gloss-BP (Adult Manual Sign Gloss-Brazilian Portuguese)** – é a glosa de sinal manual do interlocutor em português brasileiro. Todos os sinais produzidos por ele são transcritos nela. Também é uma linha-mãe para o bloco de informações relacionadas ao interlocutor que interage com o pesquisado;
- **Adult Utterance** – é a linha dos enunciados do interlocutor, ou seja, do *interactor* da mesma forma que ocorre com os enunciados do pesquisado. É independente da linha-mãe;
- **Translation** – é a tradução dos enunciados dos participantes da

interação comunicativa, da língua fonte para a alvo. Observa-se que, muitas vezes, a partir apenas das glosas, não há compreensão produzida pelo pesquisado. Esta é uma linha independente da linha-mãe;

- **Eye Gaze** – representa as direções do olhar do sinalizante. Possui vocabulário controlado e depende da linha-mãe;
- **Comments** – é destinado a comentários pertinentes a respeito da situação comunicativa ou de qualquer questão relacionada à filmagem ou uma determinada linha de transcrição. É uma linha independente da linha-mãe e serve para colocar as informações que não se enquadram nas demais linhas;
- **Repetition** – indica quantas vezes um sinal foi repetido durante sua realização. Possui vocabulário controlado e é dependente da glosa manual do sinalizante;
- **2nd Hand (segunda mão)** – Quando sinais diferentes são produzidos pelas duas mãos simultaneamente, os sinais da mão não-dominante é colocado na linha **2nd hand** (segunda mão), mostrando sua extensão. Não é necessário indicar a mão dominante, ou seja, a que realiza os sinais. Quando o sinalizante muda a dominância, esta pode ser indicada na trilha ‘pho’. Isso não implica em mudar a transcrição para a segunda mão. Em geral, a trilha da segunda mão é necessária quando há sobreposição simultânea de sinais usando as duas mãos.

Anexo B

Transcrição dos diálogos dos informantes

Diálogo de Macaxeira com Coqueiro

MACAXEIRA: – VOCÊ CASA BOM?

COQUEIRO: – AMIGO(S) FALAR VOCÊ.

MACAXEIRA: – TODOS (movimento circular de punho com a mão aberta)

MACAXEIRA: – AMIGO(S) BOM TODOS.

COQUEIRO: – VOCÊ CASA AQUI PENSAR CASA LÁ? (uso da apontação para referenciar a localização da casa. Obs: Macaxeira morava próxima de Coqueiro, e depois mudou-se para a casa de seus pais).

MACAXEIRA: – MARIDO (referência ao bigode, mesmo sinal usado para HOMEM), NÃO- IMPORTAR COMIGO, SEPARAR BATER EU, CRIANÇAS FOME TRAZER AQUI, RUIM, TRABALHAR MUITO CASA, CADÊ? FOME, COMER COMO?

COQUEIRO: – EU VI MARIDO ANDAR MOTO, OLHAR CASA GRANDE, PERGUNTAR VOCÊ.

MACAXEIRA: – EU, CASA LIMPAR, MARIDO NÃO-IMPORTAR COMIGO, EU CHAMAR POLÍCIA PRENDER. DIVIDIR CASA, TRÊS, LÁ AQUI (aponta a direção em que ficam as casas).

COQUEIRO: – VOCÊ CASA DINHEIRO.

MACAXEIRA: – CASA TRÊS. DEIXA-PRA-LÁ, AMO MARIDO NÃO, DEIXA-PRA-LÁ, EU PASSEAR POR AÍ, DANÇAR, BEBER, NAMORAR, VER PESSOA LINDA DIZER OI.

COQUEIRO: – VOCÊ SÓ?

MACAXEIRA: – AQUI CALMA, PAI MÃE VELHO(S), EU TRABALHAR-MUITO, LIMPAR CASA, LAVAR-ROUPA, FAZER ALMOÇO, LAVAR-PRATO.

COQUEIRO: – MARIDO NAMORAR POR-AÍ, VOCÊ FAZER O QUÊ?

MACAXEIRA: – DEIXA-PRA-LÁ, AMIGO ESPERAR VIR FALAR, DEUS VER.

COQUEIRO: – VOCÊ DANÇAR, NAMORAR?

MACAXXEIRA: – GOSTO-NÃO, EU VELHA CALMA, SÓ PASSEAR, ANIVERSÁRIO MISSA, COMER, PASSEAR POR AÍ, BATER-ATIRAR (os dois sinais juntos parece significar violência), PAI MÃE EU OLHAR, SÓ EU.

COQUEIRO: – VOCÊ VAI PRAÇA?

MACAXEIRA: – SIM (meneio de cabeça) IR PRAÇA CONVERSAR AMIGO, BEBER.

COQUEIRO: – VOCÊ LÁ PRAÇA, CONVERSAR AMIGO, SAIR POR AÍ?

MACAXEIRA: – FALAR AMIGO VIR AQUI, TELEFONAR VIR AQUI, CASA LÁ NÃO (apontado para a esquerda por cima do ombro), SÓ CASA PRA LÁ (apontando para a direita).

MACAXEIRA: – OLHA ALI DEPOIS RIO AMIGO SURDO TRÊS, MULHER, HOMEM CASADO DOIS, MULHER, VAMOS FILMAR LÁ.

COQUEIRO: – (interrompendo macaxeira) LÁ TRÊS SURDOS, LÁ TRÊS.

MACAXEIRA: – PERTO PODE IR CARRO? SUDO BOM, AMIGO.

COQUEIRO: – VOCÊ VAI RIO, DEPOIS.

MACAXEIRA: – DEPOIS RIO, NÃO, ANTES, PERTO SURDO(S) DUAS MULHER, HOMEM UM.

COQUEIRO: – AMIGO(S) TODOS.

MACAXEIRA: – EU, VOCÊ, ELE(S) (contando nos dedos e apontando na direção dos referentes), UMA MULHER ALI, TRÊS PRA LÁ, OUTRO CASA ALI, EU VOCÊ.

COQUEIRO: – VOCÊ VAI, ÓCULOS CARRO, MOTO VOLTAR RIO?

MACAXEIRA: – JÁ AQUI.

COQUEIRO: – HOMEM-MOTO?

MACAXEIRA: – LÁ RIO VER CARRO PASSAR, HOMEM BONITO CONVERSAR, BEIJAR, VER PASSAR DEPOIS TELEFONAR.

COQUEIRO: – SEU (aponta para Macaxeira para significar o pronome possessivo seu), MARIDO NAMORAR, MULHER SEIO-GRANDE, TER NENÊ.

MACAXEIRA: – BEM-FEITO, DEIXA-PRA-LÁ, DEUS DAR. TRAIÇÃO BEM-FEITO.

COQUEIRO: – DINHEIRO ESCREVER. VOCÊ?

MACAXEIRA: – SIM (meneio de cabeça).

COQUEIRO: – QUANTO, 2..., 1...,2...? (configuração de mão quantitativa).

MACAXEIRA: – 10, 10, 9 (configuração de mão quantitativa na respectiva ordem).

COQUEIRO: – VOCÊ? SÓ?

MACAXEIRA: – CANSADA, VARRER TUDO, MÃE PAI VELHO(S) REMÉDIO TOMAR HORA, REMÉDIO TOMAR HORA, REMÉDIO TOMAR HORA. ELES TOMAR SORO.

COQUEIRO: – VOCÊ?

MACAXEIRA: – ELES COMER, CALMA, COMER, COMER (posição corporal de alguém sentado à mesa), CAIR, COSTAS DOER, FOI HÓSPITAL, SORO HOJE, CARO REMÉDIO TOMAR DOR SUMIR. EU TREMER (SIGNIFICANDO NERVOSISMO) CABEÇA DOR.

COQUEIRO: – VELHO GORDO (se ferindo ao pai de Macaxeira) HOMEM, MULHER QUANTOS AQUI?

MACAXEIRA: – PAI, MÃE, FILHOS, EU TRÊS, MARIDO TRAIR EU, DEIXA-PRA-LÁ, DEUS VER, DEIXA-PRA-LÁ. CADÊ NAMORAR? (se dirigindo a Coqueiro). TRABALHAR, TRABALHAR, LAVAR-ROUPA, FAZER CAFÉ, TUDO TRABALHO, DEPOIS DORMIR SAIR NÃO, CANSADA.

COQUEIRO: – VOCÊ FAZER COMIDA?

MACAXEIRA: – TUDO, BOLO, PEIXE... GOSTOSO.

COQUEIRO: LÁ CASA EU COMER FRANGO.

Embora o diálogo de Coqueiro e Macaxeira pareça confuso, eles demonstram compreender sem dificuldade a sinalização um do outro, mantendo o fluxo e o contexto da conversa sem cortes. Coqueiro, compreendendo o caráter deste trabalho, conduziu toda a conversa, como se fosse o entrevistador.

Transcrição do diálogo do Tapioqueiro e seus interlocutores

MÃE: – Você sai por aí, mas às 9 ou 10 horas, vai pra casa.

TAPIOQUEIRO: – SAIR... POR AÍ (interrompendo a fala da mãe), COMER, DORMIR, PRECISAR TER CUIDADO.

MÃE: – Ladrão pode matar você.

TAPIOQUEIRO: – É TIRO MUITO... PESSOA ATIRAR, CONTRA. PERIGO, PEGAR ARMA... ATIRAR, MATAR...

MÃE: – Você tranca a porta bem trancada.

TAPIOQUEIRO: – TRANCAR PORTA, ARMA, LADÃO VEM. CASA, PEIXE (interrompe o fluxo do diálogo, mudando de assunto). LÁ (aponta para trás, indicando uma localização distante) PEIXE, PESCAR. PESCAR LÁ, PEIXE.

MÃE: – Lá, os homens num carro apontaram arma pra ele.

TAPIOQUEIRO: – CARRO, APONTAR ARMA EU (concordando, interrompe sua mãe).

MÃE: – Eles ficaram de olho em você.

TAPIOQUEIRO: – DORMI, ATIRAR, FECHAR-PORTA, NOVE HORAS OLHAR, O LADRÃO. VEM, CORRER CASA, PORTA-FECHAR. TODOS DROGA. ARMA-GRANDE, ATIRAR CABEÇA, CABEÇA ABRIR.

PESQUISADORA: – Você estuda?

TAPIOQUEIRO: – (olhar direcionado para sua mãe) ESCREVER, ESCREVER, ESCOLA, ELA SABE NÃO.

TAPIOQUEIRO: – TI@, TI@, TI@, ESCREVER, ESCREVER, TI@ (não identificou gênero), TI@. LÁ , LÁ (apontando em uma direção a sua frente, indicando distância), LÁ

PRIM@. PASSADO TRABALHAR, CARREGAR TIJOLO, LÁ (apontação), ACABAR (CM 1, movimento brusco com o polegar apontando para baixo), ACABAR (CM 52, movimento com as duas mãos, uma passando pela outradescruzando, orientação para baixo), ACABAR (CM 53, sinal realizado com uma mão, orientação para cima, movimento para dentro).

MÃE: – Tu ficou na fábrica só seis meses e saiu.

TAPIOQUEIRO: – SIM, SIM (aceno com a cabeça), UM (se referindo ao tempo de permanência na fábrica), SAIR. ELA, (apontando para a mãe), ELA, ELA, ESQUECER... SEPARAR PAI (sinal acompanhado de datilologia), MÃE. EU CRIANÇA, PASSADO. PAI ALI (apontando para o lado esquerdo), MÃE LÁ (apontando para sua frente). HOMEM TER FÓSFORO (mudando novamente de assunto), ATRÁS, FOGO AQUI (colocando as mãos no quadril e sobre suas partes íntimas). RISCAR FÓSFORO BOTAR AQUI (tocando o quadril novamente), FOGO. TIRAR CALÇA, APAGAR FOGO, PESSOA MOTO IR-EMBORA. EU IDADE... (mão sobre o queixo, olhar direcionado

para o alto, pensativo risca uma data com o dedo sobre a perna esquerda) ...12, 12 IDADE, FOGO AQUI (toca o quadril) FAZ TEMPO.

PESQUISADORA: – Quantos homens?

TAPIOQUEIRO: – DOIS (sinal de quantidade), HOMEM MOTO, POSTO GASOLINA. PRIMO, PRIMO, CASA LÁ (apontação) PRIMO (indica o tamanho do primo). Lá prima R-I-T-A (datilologia), COMER POUCO (expressão facial pensativa, buscando assunto). ESPERAR... ACABAR(?)... NÃO, NÃO.... (chamando a atenção da pesquisadora). ARMA APONTAR, ATIRAR CABEÇA, OMBRO TIRO DOIS. TIRO CABEÇA, OMBRO COSTAS (apontando no próprio corpo a localização das balas), CINCO HORAS.

MÃE: – Não fale essas coisas não, fique de boca fechada. (dirigindo-se a pesquisadora) Ele conta isso pra todo mundo, eu tenho medo porque eles podem ficar com raiva e matar ele. Não fale fique calado (dirigindo-se ao Tapioqueiro).

TAPIOQUEIRO: – FALAR NÃO.

PESQUISADORA: – Qual o sinal da sua mãe?

TAPIOQUEIRO: – Sinaliza fazendo referência ao tamanho do cabelo indicando o sinal pessoal de sua mãe acompanhando em seguida o sinal de MÃE em LIBRAS e a datilologia de M-Ã-E (estabelecimento de Foco).

PESQUISADORA: – E essa menina, é sua irmã?

MÃE: – Ela é sua irmã (dirigindo-se ao Tapioqueiro).

TAPIOQUEIRO: – NÃO, NÃO ELA NÃO IRMÃ, ELA AMIGA. IRMÃ NÃO, MENTIR, FINGIR, DOIDA, ELA NASCER LONGE.

MÃE: – Não é sua irmã de sangue, mas é sua irmã.

TAPIOQUEIRO: – FINGIR, NÃO IRMÃ. HORA ACABAR, HORA IR (preocupado com o horário do ônibus que nós, a intérprete e eu, tomaríamos de voltar para casa).